UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS

GABRIEL DUCHEIKO

A PRAÇA GETÚLIO VARGAS COMO ESPAÇO DE SOCIABILIDADE DE HOMENS IDOSOS NA CIDADE DE PONTA GROSSA, PR

PONTA GROSSA
2026

GABRIEL DUCHEIKO

A PRAÇA GETÚLIO VARGAS COMO ESPAÇO DE SOCIABILIDADE DE HOMENS IDOSOS NA CIDADE DE PONTA GROSSA, PR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do título de licenciado em Geografia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Karina Eugenia Fioravante

PONTA GROSSA

2026

ANEXO G - DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO ÉTICO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
Setor de Ciências Exatas e Naturais
Departamento de Geociências
Coordenação de Trabalho de Conclusão de Curso

DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO ÉTICO

Eu,Gabriel Ducheiko RA: 23001402, RG: 15.163.127-4, asseguro que o **Trabalho de Conclusão de Curso** foi por mim elaborado e, portanto, responsabilizo-me pelo texto escrito que apresenta os resultados de minha pesquisa científica.

Atesto que todo e qualquer texto, que não seja de minha autoria, transcrito em sua íntegra ou parafraseado de outros documentos, estejam eles publicados ou não, estão devidamente referenciados conforme reza a boa conduta ética, o respeito aos direitos autorais e à propriedade intelectual.

Tenho conhecimento de que os textos transcritos na íntegra de outras fontes devem apontar a autoria, o ano da obra, a página de onde foi extraído e ainda apresentar a marcação de tal transcrição, conforme as regras da ABNT. No caso de paráfrase, o trecho deve vir com a referência de autoria e ano da obra utilizada.

Além disso, declaro ter sido informado pelos responsáveis do Curso de Licenciatura em Geografia das leis que regulam os direitos autorais e das penalidades a serem aplicadas em caso de infração, conforme constam na Lei 10.695 de julho de 2003.

Sendo assim, declaro que estou ciente de que, caso infrinja as disposições que constam na Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998, serei responsabilizado juridicamente pelos meus atos e terei que arcar com qualquer prejuízo moral e financeiro deles decorrentes.

Ponta Grossa,19 de Novembro de 2026.

gov.br Documento assinado digitalmente
GABRIEL DUCHEIKO
Data: 23/11/2026 10:13:12-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Assinatura

ANEXO H - FOLHA DE APROVAÇÃO/ATA DA DEFESA

FOLHA DE APROVAÇÃO

ATA DE DEFESA

Aos 11 dias do mês de novembro de 2026, na sala 26 da Central de Salas de Aulas, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos professores: Karina Eugenia Fioravante (Presidente-Orientador), André de Moraes (membro) e Almir Nabozny (membro) para a análise do trabalho de Conclusão de Curso sob o Título "A praça Getúlio Vargas como espaço de sociabilidade de homens idosos na cidade de Ponta Grossa, PR", elaborado por Gabriel Ducheiko, concluinte do curso de Licenciatura em Geografia. Aberta a sessão, o autor teve vinte minutos para a apresentação do seu trabalho, sendo, posteriormente, arguido pelos integrantes da Banca. Após o procedimento da avaliação chegou-se aos seguintes resultados: o trabalho foi considerado aprovado e a nota atribuída foi 9.0 (nove).

O trabalho foi considerado aprovado.

Nada mais havendo a tratar, encerrou-se a presente sessão, da qual lavrou-se a presente ata que vai assinada por todos os membros da Banca Examinadora.

1) Presidente: Profa. Dra. Karina Eugenia Fioravante

gov.br Documento assinado digitalmente
KARINA EUGENIA FIORAVANTE
Data: 16/11/2026 12:48:08-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

2) Membro 1: Prof. Dr. André de Moraes

gov.br Documento assinado digitalmente
ANDRE DE MORAIS
Data: 18/11/2026 13:56:50-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

3) Membro 2: Prof. Dr. Almir Nabozny

gov.br Documento assinado digitalmente
ALMIR NABOZNY
Data: 18/11/2026 13:41:18-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Ponta Grossa, 11 de novembro de 2026

Dedico este trabalho à minha mãe, Angela Aparecida Kremer Ducheiko, que com amor, força e coragem como mãe solo, me ensinou o valor da educação e me permitiu trilhar este caminho. Esta vitória também é sua.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todos que caminharam comigo, direta ou indiretamente, tornando possível a conclusão deste ciclo.

Agradeço, em primeiro lugar, à minha mãe, Angela Aparecida. Mulher de força inesquecível, que me criou como mãe solo e me deu não apenas a vida, mas a coragem para ingressar e permanecer na universidade. Dedico parte desta conquista a ela, que tanto lutou e abriu caminhos para que eu pudesse ir além.

Meus sinceros agradecimentos aos mestres que cruzaram o meu caminho e moldaram minha formação. Em especial, à minha orientadora, Karina, pela paciência e condução exemplar, e ao professor Maurício, cuja paixão pela docência acendeu em mim o fascínio pela área da Geografia. Agradeço também aos meus colegas de jornada, pelo companheirismo diário, e, de maneira muito especial, ao meu irmão e parceiro de vida, Bruno Rodrigues de Lima, por nunca me deixar desanimar.

Por fim, meu agradecimento mais terno e profundo à minha amada Nathally. obrigado por ter sido meu refúgio nos dias difíceis, por manter meu foco quando tudo parecia incerto, e por caminhar ao meu lado desde sempre, segurando a minha mão com amor e incentivo incondicionais.

RESUMO

DUCHEIKO, Gabriel. **A Praça Getúlio Vargas como Espaço de Sociabilidade de Homens Idosos na Cidade de Ponta Grossa, PR**. Orientadora: Karina Eugenia Fioravante, Ponta Grossa, 2026. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2026.

Esta pesquisa teve como objetivo compreender os significados e as práticas de sociabilidade dos homens idosos que frequentam a Praça Getúlio Vargas, localizada no bairro Nova Rússia, em Ponta Grossa, Paraná. Destaca-se a importância dos espaços públicos, especialmente das praças, nas cidades de médio e grande porte. Para desenvolver a análise, adotou-se uma abordagem qualitativa, com observações de campo e entrevistas, a fim de compreender como ocorrem as interações sociais nesse espaço. Observou-se que os participantes permanecem principalmente na área das mesas destinadas aos jogos de cartas, como truco e tranca. A pesquisa também buscou compreender de que maneira a frequência e as vivências na praça contribuem para enfrentar dificuldades presentes fora desse ambiente, especialmente os sentimentos de solidão, e para fortalecer amizades que ultrapassam os limites da praça. Assim, a Praça Getúlio Vargas constitui um espaço acolhedor e significativo na vida cotidiana desses indivíduos.

Palavras-chave: Sociabilidade; homens idosos; praças públicas; Praça Getúlio Vargas.

ABSTRACT

DUCHEIKO, Gabriel. **Getúlio Vargas Square as a Venue for Socialization Among Elderly Men in Ponta Grossa, Paraná**. Supervisor: Karina Eugenia Fioravante. Undergraduate Thesis in Geography Education. State University of Ponta Grossa, Ponta Grossa, Brazil, 2026.

This study aimed to analyze the meanings and sociability practices developed by elderly men who regularly attend Getúlio Vargas Square, located in the Nova Rússia neighborhood, in the municipality of Ponta Grossa, Paraná, Brazil. The research highlights the importance of public spaces, particularly urban squares, in medium-sized and large cities as environments that promote social interaction, coexistence, and the strengthening of community ties. To achieve this objective, a qualitative approach was adopted, based on field observations aimed at understanding the dynamics of social interactions established within the square. The findings reveal that these elderly individuals tend to occupy a specific area of the square, especially the tables used for card games such as truco and tranca, which constitute important spaces for socialization. Furthermore, the study demonstrates that the frequent use and everyday experience of the square contribute to mitigating challenges encountered outside this environment, particularly feelings of loneliness. The friendships and social bonds developed in this public space reinforce its role as a welcoming environment and as a significant component of the participants' daily lives. Thus, the square emerges as a relevant setting for sociability, belonging, and social support among elderly men.

Keywords: Sociability; elderly men; public squares; Getúlio Vargas Square.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTOGRAFIA 1 – Vista aérea da Praça Getúlio Vargas na década de 1960.....31

FOTOGRAFIA 2 – Registro de um leão no antigo Jardim Zoológico e Botânico de Ponta Grossa.....32

FIGURA 1 – Croqui dos equipamentos e espaços de uso da Praça Getúlio Vargas, em Ponta Grossa (PR).....33

FOTOGRAFIA 3 – Vista externa do Ginásio de Esportes Estanislau Stanislanc (Zukão).....33

FOTOGRAFIA 4 – Fachada do Centro Municipal de Ostomia e Programas Especiais (CEMOPE).....34

FOTOGRAFIA 5 – Vista dos espaços destinados à convivência e às atividades de hidroginástica na Praça.....35

FOTOGRAFIA 6 – Fachada da Banca Nova Rússia, localizada na Praça Getúlio Vargas.....36

FOTOGRAFIA 7 – Mesas e assentos utilizados para os jogos de cartas na Praça Getúlio Vargas.....36

FOTOGRAFIA 8 – Condições de conservação da área externa dos banheiros públicos da Praça Getúlio Vargas.....37

GRÁFICO 1 – Idade dos participantes da pesquisa.....40

GRÁFICO 2 – Situação ocupacional dos participantes da pesquisa.....41

GRÁFICO 3 – Nível de escolaridade dos participantes da pesquisa.....41

GRÁFICO 4 – Distribuição dos participantes por cor ou raça.....43

TABELA 1 – População residente no Brasil por cor ou raça, sexo e idade, com recorte de 61 a 84 anos (2022).....43

GRÁFICO 5 – Situação familiar dos participantes da pesquisa.....44

GRÁFICO 6 – Renda dos participantes da pesquisa.....45

MAPA 1 - Bairros de residência dos entrevistados em relação à distância da praça.....51

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

CAPÍTULO I - SOBRE SOCIABILIDADE, ESPAÇOS PÚBLICOS E PRAÇAS: DEBATES A PARTIR DA GEOGRAFIA 13

1.1. GEOGRAFIA E SOCIABILIDADE: AS MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES DE PENSAR AS INTERAÇÕES SOCIAIS 14

CAPÍTULO 2 - CAMINHOS DA PESQUISA: A PRAÇA GETÚLIO VARGAS E A SOCIABILIDADE MASCULINA 30

2.1 A PRAÇA GETÚLIO VARGAS NA CIDADE DE PONTA GROSSA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS 31

2.2 OPERACIONALIZAÇÃO DA PESQUISA 38

2.3. O PERFIL DOS HOMENS IDOSOS QUE FREQUENTAM A PRAÇA GETÚLIO VARGAS 42

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS 48

3.1 MOTIVOS PARA FREQUENTAR A PRAÇA GETÚLIO VARGAS 49

3.2 TEMPO DE FREQUÊNCIA E MUDANÇAS NA UTILIZAÇÃO DA PRAÇA 50

3.3 ATIVIDADES REALIZADAS E FORMAS DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO 50

3.4 COMO OS ENTREVISTADOS CONHECERAM A PRAÇA E A RELAÇÃO COM A MEMÓRIA 52

3.5 LOCAL DE RESIDÊNCIA E ESCOLHA DA PRAÇA GETÚLIO VARGAS 52

3.6 INFRAESTRUTURA, SEGURANÇA E LIMITES DE UTILIZAÇÃO 54

3.7 DESLOCAMENTO ATÉ A PRAÇA E AUTONOMIA DOS PARTICIPANTES 55

3.8 RELAÇÕES CONSTRUÍDAS NA PRAÇA E CONTINUIDADE DA SOCIABILIDADE FORA DELA 56

3.9 A PRAÇA NO COTIDIANO E AS EXPERIÊNCIAS DO ENVELHECIMENTO 57

3.10 GÊNERO E USO DA PRAÇA 58

CONSIDERAÇÕES FINAIS 60

REFERÊNCIAS 62

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO AOS FREQUENTADORES DA PRAÇA GETÚLIO VARGAS 66

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA (CONTINUAÇÃO) 67

INTRODUÇÃO

Os espaços públicos integram o cotidiano das cidades e apresentam diferentes formas de utilização, como encontros, lazer, contemplação e construção ou ressignificação de relações sociais. Essas práticas proporcionam experiências diversas aos frequentadores. Entre os espaços públicos, destacam-se as praças. Segundo Cham e Souza (2025), em 2024, Ponta Grossa, no Paraná, contava com 185 praças públicas em seu perímetro urbano. Entre elas, destaca-se a Praça Getúlio Vargas, localizada no bairro Nova Rússia, em razão do perfil de seus frequentadores e das formas de apropriação do espaço. Conhecida anteriormente como "Praça dos Bichos", abrigou o Zoológico Municipal de Ponta Grossa. Posteriormente, após mudanças relacionadas às exigências sanitárias, o zoológico foi desativado, e o espaço passou a exercer outras funções.

A partir dessa compreensão dos espaços públicos e das praças, este trabalho busca analisar as dinâmicas de sociabilidade, entendidas como interações sociais que podem surgir de maneira espontânea, sem necessariamente apresentar grande profundidade inicial, mas que são mutáveis e podem adquirir significados importantes para os indivíduos. Nesse contexto, observa-se que boa parte dos frequentadores da praça é composta por idosos. No Brasil, considera-se pessoa idosa aquela com idade igual ou superior a 60 anos, conforme o artigo 1º do Estatuto da Pessoa Idosa, instituído pela Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003 (Brasil, 2003). Essa faixa etária enfrenta diferentes problemas sociais, como o etarismo, a desvalorização de suas experiências e dificuldades relacionadas à inclusão e às relações familiares.

Entre os frequentadores assíduos da praça, observou-se um grupo de homens idosos que costuma permanecer junto às mesas e aos bancos, especialmente para a prática de jogos de cartas. Essa ocupação do espaço motivou as principais questões investigadas nesta pesquisa. Para tanto, adotou-se uma abordagem qualitativa, com entrevistas de perguntas abertas, além de trabalhos de campo destinados à observação das interações sociais e das condições de infraestrutura da praça.

Na sequência, foram realizadas 10 entrevistas com homens idosos, com o objetivo de analisar o significado da frequência à Praça Getúlio Vargas em suas vidas pessoais, os possíveis efeitos das práticas de sociabilidade, suas percepções sobre a praça, os aspectos que poderiam ser melhorados e as diferentes formas de utilização desse espaço.

O trabalho está organizado da seguinte forma: inicialmente, discute-se o conceito de sociabilidade e suas potencialidades, juntamente com reflexões sobre a solidão e as dificuldades enfrentadas pelas pessoas idosas na sociedade contemporânea. Em seguida, abordam-se os espaços públicos e as praças, bem como o contexto histórico e as transformações da Praça Getúlio Vargas. Por fim, apresentam-se os resultados das entrevistas e suas relações com os usos e significados atribuídos à praça.

CAPÍTULO I - SOBRE SOCIABILIDADE, ESPAÇOS PÚBLICOS E PRAÇAS: DEBATES A PARTIR DA GEOGRAFIA

1.1. GEOGRAFIA E SOCIABILIDADE: AS MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES DE PENSAR AS INTERAÇÕES SOCIAIS

Refletir acerca da noção de sociabilidade e, de forma específica, de sua relação com a Geografia não é uma tarefa fácil. A complexidade do conceito, bem como sua ampla utilização nas Ciências Humanas, torna esse trabalho árduo. Entretanto, existem considerações gerais que podem e devem integrar a fundamentação conceitual desta pesquisa, pois constituem elementos basilares para compreender a sociabilidade.

Simmel (2006) pode ser considerado um autor-chave para as reflexões acerca da sociabilidade, tanto pela amplitude de sua obra quanto pelas contribuições que trouxe à compreensão desse conceito, ainda pouco discutido na Geografia. Para o autor, a sociabilidade é importante porque expressa processos relacionados à universalidade dos padrões sociais. A ideia de processo é fundamental, já que a sociabilidade ocorre em movimento, e não de forma estática. Assim, em diferentes momentos e situações, os indivíduos criam e desenvolvem relações de sociabilidade.

A noção de sociabilidade, para o autor, também engloba elementos relacionados à espontaneidade da vida social. Ela ocorre de forma não forçada, o que significa que podemos observar práticas de sociabilidade em inúmeros momentos e em diferentes espacialidades.

Cabe reforçar que, ao considerar a sociabilidade sob a perspectiva geográfica, o espaço constitui um elemento central. A noção também envolve a dimensão cotidiana dessas relações, pois as práticas de sociabilidade ocorrem espontaneamente e não exigem, necessariamente, a realização de grandes rituais sociais. De acordo com o autor, o *conceito de status nascendi* remete à emergência dessas formas cotidianas de interação e à maneira como elas se articulam, ainda que possam ser efêmeras.

Nesse sentido, Simmel (1903, p. 43) se aprofunda na "vitalidade dos indivíduos reais, na sensibilidade e nas afinidades deles, na integridade de suas convicções e impulsos*"*. Esses elementos compõem o conjunto dos processos associativos da sociabilidade, que não se limitam à interdependência, mas envolvem a reciprocidade que se articulam entre os indivíduos e trazem as interações de forma livre. Nessa perspectiva, o autor propõe uma analogia de que a sociabilidade em si é um "jogo", no qual os indivíduos presentes nesse jogo desempenham um papel na sociedade. Tal como um "jogo social", há fluidez na sociabilidade, que pode envolver algo comum, supérfluo e rotineiro como uma conversa ou uma interação marcada por interesse afetivo. Todo indivíduo inserido na sociedade participa diariamente desse jogo e dessa dinâmica.

Diante da complexidade das interações sociais, outro elemento desse "jogo" é a identificação dos indivíduos com categorias socialmente construídas. Essas categorias influenciam a maneira como nos apresentamos aos outros, construímos relações e, consequentemente, transformamos nossa realidade social.

> Pensando outra variação dessas formas de sociabilidade e sociedade, Simmel (1997, p. 65) afirma que "no momento em que as formas sociais se tornarem um fim nelas mesmas, a sociabilidade se desintrega". Isso significa que esses elementos da sociabilidade, colocados em categorias, divisões, rótulos e submetidos a regras formais, podem se tornar alheios aos indivíduos. Ou seja, os indivíduos deixam de se conectar e não se reconhecem mais nesse meio, comprometendo, assim, a espontaneidade e a autenticidade da sociabilidade.

A integração social e o processo de socialização, segundo Simmel (1997), são processos indissociáveis que, juntos, constituem relações interpessoais em constante renovação. Nessas relações, experiências duradouras e interações simples se articulam por meio do entendimento intersubjetivo, embora nem sempre sejam harmônicas.

Ao analisar a sociedade moderna, Simmel (2006) aponta dificuldades relacionadas à reciprocidade necessária à sociabilidade. As sociedades modernas produzem diversas redes de relações, algumas mais próximas do que outras, criando desigualdades entre elas. Esse processo pode limitar ações espontâneas que, em outros períodos, ocorriam em redes de socialização menores e marcadas por maior proximidade entre os indivíduos. Assim, a sociedade moderna pode aprofundar as dificuldades de interação espontânea e de construção de sentimentos recíprocos.

Michel Maffesoli (1988), sociólogo francês associado à expressão "o tempo das tribos", compreende os processos de socialidade como manifestações cotidianas de solidariedade. Nessa perspectiva, o bem-estar e as relações compartilhadas constituem elementos fundamentais da sociabilidade. Maffesoli (1988) apresenta uma perspectiva distinta daquela desenvolvida por Simmel (2006), ao enfatizar que as rotinas locais e microssociais participam da reprodução da ordem social contemporânea. Mesmo nas grandes metrópoles, marcadas pela pluralidade, as redes sociais continuam a se organizar em grupos específicos, reunindo indivíduos que compartilham determinadas características. Dessa forma, o espaço urbano passa por processos de reterritorialização associados à construção de redes de interação.

Com base nisso, Maffesoli (1988) enfatiza a dimensão afetiva das interações, por meio das quais os indivíduos constituem um mundo comum e compartilham experiências, mesmo em sociedades complexas e socialmente fragmentadas. O autor destaca a relevância das interações locais em comunidades específicas, que podem se transformar ao longo do tempo.

Nessas relações, as experiências cotidianas favorecem a identificação entre os indivíduos e a construção de sentimentos de familiaridade, em meio às dinâmicas da sociedade moderna.

Nessa análise, Maffesoli (1988) compreende a realidade social como uma construção subjetiva. Isso significa que os indivíduos participam de sua construção e podem transformá-la por meio de suas vivências e práticas culturais. Outro elemento fundamental é a atualização cotidiana dessas relações, em um contexto marcado pela pluralidade e pela diversidade, que alimentam uma atmosfera simbólica e possibilitam novas formas de interação.

Maffesoli (1988) também destaca a vitalidade das interações simples, buscando compreender as dinâmicas das relações entre os indivíduos e o mundo que os cerca. Essa vitalidade relaciona-se à realidade material e pode ser transformada por fatores externos. Determinadas estruturas, como as instituições políticas, por exemplo, podem exercer influência sobre essas relações.

Souza (2022) aprofunda a discussão sobre a sociabilidade pública em seus diferentes espaços e manifestações. Para o autor, a sociabilidade pública evidencia a pluralidade, uma vez que as diferenças entre os indivíduos se expressam nos espaços compartilhados e produzem dinâmicas próprias de interação, inclusive de caráter político. Ao considerar praças, ruas, calçadas e esquinas, entre outros lugares, Souza (2022) afirma que esses são espaços nos quais o "jogo" da sociabilidade influencia comportamentos e favorece a construção de códigos de convivência.

Cabe destacar que mudanças comportamentais e novos códigos de conduta marcaram a história da sociedade desde a Idade Média até a Idade Moderna. Esse processo civilizador ocorreu gradualmente, em meio à transição das monarquias absolutistas para os Estados-nações.

Nesse âmbito, Hoffmann (2007) destaca outra dimensão da sociabilidade: seu papel na transformação e na elaboração dos códigos de convivência. Esses códigos orientam os indivíduos a adotar condutas consideradas "civilizadas". Em outras palavras, os comportamentos de caráter público e político contribuem para a constituição da sociabilidade pública. Nesse contexto, os espaços públicos oferecem condições para que os indivíduos exerçam suas interações sociais livremente.

Entre esses espaços estão praças, museus, teatros, salões e parques. No contexto europeu do século XIX, esses lugares assumiram funções relacionadas à convivência e à interação social, contribuindo para a formação e a transformação dos códigos cotidianos de convivência. Assim, estabelece-se uma relação direta entre os espaços públicos e a sociabilidade dos indivíduos e grupos que os frequentam.

Simmel (2006, p. 71) apresenta o “jogo de faz-de-conta”, ou seja, “faz-se de conta que todos são iguais, e, ao mesmo tempo, faz-de-conta que cada um é especialmente honrado”. Na prática, podemos afirmar que quando ocorrem práticas de sociabilidade, todos os presentes devem poder interagir em nível de igualdade e diversidade. Para que todos tenham o direito à interação é necessário esse “jogo”, que equilibra essas interações mesmo em contextos nos quais existam interesses diversos e outras expectativas. São esses os códigos comportamentais que variam de cultura a cultura, sociedades, nacionalidades, etnias, grupos, classes, entre outros diversos contextos.

> Simmel (2006) afirma: “Essa ficção, longe de ser uma mentira, é a expressão de uma forma sociológica altamente evoluída. A sociabilidade cria, por assim dizer, um mundo sociológico ideal no qual o direito do indivíduo encontra o seu limite exatamente no direito do outro, de modo que se estabelece uma perfeita reciprocidade e uma democracia pura das formas, liberada de todos os conteúdos reais da vida social."

Assim, Simmel (2006, p. 71) conclui que essas dinâmicas e cortesias sociais são essenciais para uma vida pública em geral, pois a cortesia é necessária para a convivência cotidiana e para a sociabilidade. Nas palavras do autor, “um comportamento específico da sociabilidade é a cortesia, com a qual o forte e o extraordinário não somente se igualam aos mais fracos, como também agem como se o fraco fosse o mais valoroso e superior.”

Em uma análise geral sobre a sociabilidade pública, podemos compreender que, no âmbito dos espaços públicos, os indivíduos adotam determinadas “normas” não explícitas, inerentes à vida em sociedade. Quando inseridos em grupos, seguimos padrões de comportamento e interação que podem ser compreendidos a partir do “jogo” proposto por Simmel (2006), constituído por formas de sociabilidade culturalmente construídas e transmitidas no contexto social. Essas formas acompanham as dinâmicas estabelecidas pela sociedade moderna e plural, marcada pela diversidade de culturas, saberes e modos de vida.

Com o processo de urbanização e a expansão das grandes metrópoles, que ampliaram significativamente a concentração e a diversidade dos grupos sociais, intensificou-se também a necessidade de espaços físicos destinados à interação, à convivência e à realização das diferentes práticas de sociabilidade. Nesses espaços, os indivíduos desenvolvem ritos, comportamentos e formas espontâneas de interação, ao mesmo tempo em que compartilham e negociam códigos de convivência social. É nesse conjunto de práticas, relações e códigos, constituídos e constantemente reelaborados no espaço público, que podemos compreender a sociabilidade pública.

A sociabilidade, conforme discutida por Simmel (2006), constitui um processo dinâmico, espontâneo e contínuo de interação entre indivíduos, por meio do qual se estabelecem relações, códigos de comportamento e formas de convivência social. Compreendida como um "jogo", a sociabilidade envolve regras implícitas, reciprocidades e gestos de cortesia que possibilitam a interação entre sujeitos com diferentes interesses, valores e experiências. Essas práticas cotidianas contribuem para a construção e a transformação da realidade social, embora sejam atravessadas pelas contradições, desigualdades e tensões próprias da sociedade moderna. Nessa perspectiva, Maffesoli (1996) amplia essa discussão ao destacar a dimensão afetiva das interações e a formação de vínculos de identificação e pertencimento, constituídos nas experiências compartilhadas e nas relações estabelecidas entre indivíduos e grupos sociais.

No campo da Geografia, a sociabilidade pública evidencia a relação indissociável entre as interações sociais e o espaço, compreendendo as praças, ruas, calçadas, parques e demais espaços públicos como lugares de encontro, convivência e manifestação da pluralidade social. Conforme essa perspectiva, tais espaços possibilitam a emergência de práticas espontâneas de interação, nas quais os indivíduos compartilham, negociam e reelaboram códigos de convivência, construindo formas de reconhecimento e coexistência na vida urbana. Entretanto, a diversidade de grupos, culturas e interesses também produz tensões e diferenciações que influenciam as formas de apropriação e utilização desses espaços. Assim, a sociabilidade pública pode ser compreendida como um processo socioespacial em permanente transformação, no qual as relações cotidianas, os códigos de comportamento e as experiências coletivas participam da construção da vida pública e da própria dinâmica urbana.

Sendo assim, é importante trazer nesse momento algumas considerações acerca dos espaços públicos e de como esses espaços podem ser problematizados pela Geografia a partir da noção de sociabilidade. O espaço é primordial para as interações sociais e para as dinâmicas da sociabilidade e está presente na sociedade desde os tempos primordiais; porém, nossa interação mais intensa e complexa com esses espaços começa nos tempos modernos, com a alteração dos modelos econômicos e a crescente evolução das cidades. Os espaços públicos também se transformaram e passaram a constituir-se como palco da integração social e cultural, além de espaços de lazer e democracia, desempenhando um papel de ligação e sociabilidade entre os indivíduos, com a possibilidade de superar segregações relacionadas à raça, etnia e classe.

De acordo com Gomes (2002, p. 162)**, na obra A condição urbana**: ensaios de geopolítica da cidade, o espaço público:

> É, antes de mais nada, o lugar, praça, rua, shopping, praia, qualquer tipo de espaço onde não haja obstáculos à possibilidade de acesso e participação de qualquer tipo de pessoa. Essa condição deve ser uma norma respeitada e revivida, a despeito de todas as diferencias e discórdias entre os inúmeros segmentos sociais que aí circulam e convivem, ou seja, as regras do convívio e do debate devem ser absolutamente respeitadas. Essa acessibilidade é física, mas também diz respeito ao fato de que não deve estar condicionada à força de quaisquer outros critérios senão daqueles impostos pela lei que regula os comportamentos em áreas comuns.

Gomes (2012)**, na obra Olhares geográficos**: modos de ver o mundo, aponta que existem algumas condições para a existência de um espaço público. Para o autor, é importante considerar tanto o aspecto físico quanto a inexistência de obstáculos que ultrapassem as normas gerais de convivência para o acesso e a participação nesses espaços. Nas palavras do autor:

> O ideal do espaço público é reduzir a possibilidade de intimidade e ser o veículo capaz de criar as condições para uma coabitação, um encontro com a alteridade diferenciada. As cidades possuem essa capacidade de encontrar pessoas sem que isso conduza necessariamente à eliminação das barreiras que protegem a intimidade ou a identidade. A rua é também um sistema de signos e de linguagem, orientando os deslocamentos e os fluxos, sinalizando possibilidades, registrando alguns usos e sugerindo outros, ou seja, é um universo de disposições espaciais de coisas e comportamentos. Por isso, ela é um lugar de diálogo permanente e renovado. Essas condições devem ser a norma, a despeito de todas as diferenças que porventura existam dentro do corpo social (raça, sexo, cor etc.). (Gomes, 2012, p. 28-29)

Isso significa que, quando consideramos os espaços públicos, devemos pensar em um espaço fundamentado na noção de legitimação da convivência, do respeito às leis democráticas, bem como, em um espaço no qual as diferenças de posição social e de identidade devem se submeter às regras de coabitação, de civilidade. Gomes (2012) afirma que nossas manifestações cotidianas de vida social nos espaços públicos configuram-se como maneiras de ser nesses espaços. Ou seja, ao ocuparmos os espaços públicos, articulamos comportamentos e materialidades.

Nesse sentido, o espaço público possui um significado político e multifacetado, que vem sendo transformado paralelamente às cidades. As praças, nesse contexto dos espaços públicos, possuem um papel importante na construção e nas dinâmicas de socialização e sociabilidade, desempenhando funções de contemplação, lazer, apreciação e cultura.

A praça integra diferentes agentes da sociedade sem um caráter prévio de escolha. Lamas (s. d., p. 100) discute que a praça "é um elemento morfológico das cidades ocidentais". Isso significa que há um propósito e uma intencionalidade de desenho para as praças. Ou seja, a construção e a idealização de uma praça pressupõem uma função para aquele espaço. Ao contrário da rua, que possui como propósito central a circulação urbana, a praça caracteriza-se como um espaço de práticas sociais, manifestações da vida urbana, democracia e pluralidade. A praça, como elemento urbano da nossa sociedade moderna, configura-se como uma estrutura

física e fixa, porém, com flexibilização de usos e apropriações, sendo mutável e cheia de vida, ainda que delimitada a uma determinada porção do espaço.

Nessa visão, a praça em si é uma fração de paz e tranquilidade em um mundo altamente globalizado e caótico em que vivemos. Uma definição que se adequa às praças é a de Robba e Macedo (2002, p. 17): “espaços livres públicos urbanos destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos”.

O espaço público está presente na sociedade desde os tempos primordiais; porém, nossa interação mais intensa e complexa com esses espaços começa nos tempos modernos, com a alteração dos modelos econômicos e a crescente evolução das cidades. Os espaços públicos também se transformaram e passaram a constituir-se como palco da integração social e cultural, além de espaços de lazer e democracia, desempenhando um papel de ligação e sociabilidade entre os indivíduos, com a possibilidade de superar segregações relacionadas à raça, à etnia e às classes sociais.

Como parte fundamental dessa fundamentação teórica, Simmel (1858) fez notáveis contribuições para a compreensão das relações sociais no contexto metropolitano. Embora, em sua época, o conceito de espaço público ainda não estivesse consolidado nos termos em que é compreendido atualmente, o autor foi assertivo ao correlacionar o espaço e as interações sociais nas grandes metrópoles, caracterizadas por uma grande quantidade de estímulos, interações cotidianas e pelo caos inerente à vida urbana.

Nesse sentido, Simmel (2006) estabelece diversas formas de compreender e interpretar o indivíduo metropolitano nesse contexto. Dentre essas formas, duas se destacam: a atitude *blasé* e a reserva, que provocam determinadas formas de interação com desconhecidos e sem “nenhum” grande propósito por trás, relações que ocorrem, mas não exclusivamente, nos espaços públicos. Por esse aspecto, nenhuma relação ali estabelecida é necessariamente altamente profunda ou marcada por fortes ligações; pelo contrário, muitas são construídas de forma supérflua, com certo distanciamento e, por vezes, repulsa. A reserva permite compreender esse “desconhecimento do vizinho”, enquanto a atitude *blasé* constitui uma forma de autopreservação na metrópole. Ao observarmos nosso cotidiano urbano, cercado de estímulos e interações a todo momento, se interagíssemos com a totalidade das pessoas, o homem metropolitano poderia ficar fragmentado.

Essa perspectiva permite compreender que o espaço público não constitui simplesmente um local físico de passagem ou permanência, mas um espaço no qual diferentes indivíduos convivem e precisam estabelecer determinadas formas de comportamento. Nesse sentido, “o espaço público é o lugar das indiferenças, ou seja, onde as afinidades sociais, os

jogos de prestígio, as diferenças, quaisquer que sejam, devem se submeter às regras da civilidade" (GOMES, 2002, p. 162).

Assim, o espaço público possui um significado político e multifacetado, que vem sendo transformado paralelamente às cidades. Não se trata de uma "morte" propriamente dita, como é citado em alguns trabalhos, mas de um fenômeno a ser analisado e explorado. As praças, nesse contexto dos espaços públicos, possuem um papel importante na construção e nas dinâmicas de socialização e sociabilidade, desempenhando funções de contemplação, lazer, apreciação e cultura. A praça integra diferentes agentes da sociedade sem um caráter prévio de escolha.

Sob uma perspectiva geográfica, o conceito de espaços públicos sempre se alterou ao longo dos séculos. Durante o século XVIII, tais espaços ficaram demarcados no contexto das Revoluções Industriais e de uma cidade que se urbanizava em ritmos lentos. Assim, o papel principal desses espaços estava relacionado ao embelezamento e a uma forma de contraste em relação ao contraste produzido pelas jornadas de trabalho de 12 a 16 horas existentes na época. Porém, nesse contexto, o modo de uso dos espaços públicos mantinha-se restrito às elites, e somente séculos depois a apropriação desses espaços se tornou menos elitizada.

Sob um olhar contemporâneo, o acesso a esses espaços vem se tornando mais escasso em razão de problemáticas crescentes nas dinâmicas que vão além das grandes cidades. Uma delas é a mobilidade urbana nas cidades pequenas e médias, que muitas vezes se apresenta associada ao seu alto custo e à pouca eficiência.

Nesse sentido, a segunda problemática presente no contexto da América do Sul é a violência urbana, que emerge principalmente nessas áreas públicas, incitando, assim, outra vertente: a dos espaços privados, associados a uma maior "segurança" e seletividade do público-alvo, produzindo alterações nas relações sociais, processos de segregação e reconfiguração desses espaços. Vale ressaltar, novamente, que o espaço público vai muito além de apenas praças, abrangendo também calçadas, ruas, jardins e parques. A partir desse aspecto e da crescente diversificação na conceituação dos espaços públicos, surgiu uma problemática relacionada à disputa desses espaços com os espaços privados, que se caracterizam por *shopping centers*, condomínios e outros locais limitados a determinados grupos de pessoas.

Nesse fundamento, a função social dos espaços públicos em um mundo globalizado e urbanizado, que tende a integrar os indivíduos, faz com que esses espaços desempenhem um papel fundamental como ponte para esses processos, desde locais destinados ao lazer, à recreação e à apreciação paisagística até espaços relacionados ao equilíbrio mental.

Entretanto, em escala nacional, o Brasil apresenta diversos problemas correlacionados, desde sua expansão demográfica até questões relacionadas ao planejamento urbano. Esses espaços estão sendo comprimidos e apagados no decorrer das décadas, dando lugar a áreas privadas, como os *shopping centers*, que atualmente cumprem algumas das funções citadas anteriormente, porém não contemplam toda a função social e a pluralidade que um espaço público proporciona, além de não se constituírem como espaços democráticos e acessíveis a todos.

Em análise do contexto brasileiro, as cidades que mais detêm áreas verdes e espaços públicos são Goiânia, com 94 m² por habitante; Curitiba, com 64,5 m² a 68 m² por habitante; e Brasília, com 72 parques. Nessas três capitais houve um avanço urbano sólido, acompanhado por planejamentos urbanos com enfoque na ampliação de áreas verdes e espaços públicos. Entretanto, isso constitui uma exceção no contexto brasileiro. O que existe, na realidade, são praças, parques e outros espaços frequentemente negligenciados, com estrutura precária e pouca manutenção, dificultando a permanência consistente da população nesses lugares e comprometendo a manutenção de sua função primordial, que é possibilitar encontros impessoais e anônimos e a convivência entre diversos grupos sociais.

O espaço das praças muitas vezes é desvalorizado por grandes cidades repletas de tecnologias, carros elétricos e obras arquitetônicas; porém, seu valor é subestimado, uma vez que sua função vai além do simples lazer e abrange também os grupos mais segregados de nossa sociedade moderna. As estruturas urbanas e sua organização possuem diferentes propósitos, e a praça desempenha uma função nessa dinâmica. Trata-se de um espaço que interliga e cria elos no território e que, independentemente do nível econômico de uma cidade, apresenta-se como uma presença recorrente na estrutura urbana.

Nesse sentido, a praça perdura por gerações e constitui nossa primeira noção de "lugar". Quando crianças, brincávamos em uma praça, no parquinho, na gangorra ou simplesmente correndo por ela. Sob essa perspectiva, a praça constitui um fator essencial na experiência dos indivíduos. Contrapondo isso, a praça também apresenta uma visão marginalizada, associada à violência diária, a pontos de drogas e até mesmo à prostituição. Essa é uma das dicotomias da praça: durante o período diurno, o espaço pode assumir determinada finalidade, enquanto, durante a noite, seus valores e funções podem se inverter. Ainda assim, trata-se de um espaço público e livre para toda a sociedade.

Em suma, considerando a praça para além de um espaço, compreendendo-a também como uma paisagem, ela é passível de mutações e transformações ao longo das décadas. A praça estudada, a Praça Getúlio Vargas, sofreu tais mudanças em sua paisagem e até mesmo

em sua função dentro do município de Ponta Grossa; porém, continuou tendo significado, não se tornando uma paisagem esquecida pelo tempo e sem funcionalidade.

Nesse sentido, quais foram as funções das praças ao longo da história? De acordo com Rigotti (1965, apud DE ANGELIS et al., 2005, p. 2), “as praças são locais onde as pessoas se reúnem para fins comerciais, políticos, sociais ou religiosos, ou ainda, onde se desenvolvem atividades de entretenimento”. Nesse mesmo sentido, Sitte (1992, p. 25, apud DE ANGELIS et al., 2005, p. 2), defensor das artes nas praças, afirma: “[...] Concentrava-se movimento, tinham lugares as festas públicas, organizavam-se as cerimônias oficiais, anunciavam-se as leis, e se realizava todo tipo de eventos semelhantes”.

Nessa perspectiva, a praça é um espaço orgânico e multifacetado ao longo dos séculos, cujas formas de utilização mudam conforme o contexto, não havendo necessariamente um valor de julgamento ou de importância entre suas diferentes funções. Ela pode ser um espaço destinado a manifestações e ao anúncio de leis, assim como um espaço de entretenimento com um jogo de cartas. Orlandi (1994, apud DE ANGELIS et al., 2005, p. 2) refere-se às praças como: “um nó formal que melhor representa a qualidade do espaço urbano, a praça constitui, por si só, um sucesso a atestar os valores sociais pela comunidade, que soube dar o justo valor às funções institucionais na organização civil.”

Dentre as várias interpretações e análises dos significados das praças, encontra-se o fator de sociabilização, como um espaço para bate-papo e interações supérfluas, até um local destinado apenas a encontros e atos democráticos. Porém, o cerne das praças é sua própria existência e seu caráter social. Assim como ocorre com o espaço e sua relação com a história, o mesmo ocorre com os indivíduos e suas expressões de cultura e utilização desses espaços, desde os aspectos culturais até suas ideias. Tudo isso é expresso e contido em uma praça.

Outra consideração a ser feita sobre a função de uma praça encontra-se em Spirn (1995, apud DE ANGELIS et al., 2005, p. 2), que afirma serem as praças “lugares para ver e ser visto, para comprar e fazer negócios, para passear e fazer política”. Já Zuliane (1995, apud DE ANGELIS et al., 2005, p. 2) “entende a praça como um lugar privilegiado e tradicional de trocas, ponto de convergências de ruas e teatro de todas as forças sociais, eixo de cada movimento”.

Apesar das divergências sobre o “real” uso e a objetividade de uma praça, todas possuem algo em comum: a praça como um espaço urbano e público, que se molda como um espaço de convivência e lazer desses indivíduos urbanos. Desde a ágora, há séculos, até uma praça no centro-leste do Paraná, as praças se tornaram esse importante polo de encontros casuais e não intencionais e livres para a sociabilidade e para as expressões plurais.

Nessa pesquisa, objetivamos compreender a sociabilidade de um grupo específico em um espaço específico. Esse grupo específico relaciona-se com os homens idosos que frequentam a Praça Getúlio Vargas na cidade de Ponta Grossa. Certamente, seguindo Simmel (2006), Maffesoli (1996) e Gomes (2002), podemos considerar que esse espaço físico configura-se enquanto catalisador de práticas de encontros, de coabitação que envolvem elementos simbólicos e imateriais. Faz-se necessário, então, trazer algumas breves considerações acerca da questão das masculinidades, pensadas primordialmente a partir de um grupo etário específico, o de idosos.

Na contemporaneidade, o processo de envelhecimento ainda é frequentemente tratado como um tabu, acompanhado por estigmas, preconceitos e representações sociais que associam a velhice à perda de capacidade, produtividade e autonomia. Embora o aumento da longevidade seja geralmente apresentado como uma conquista social, o reconhecimento da própria condição de pessoa idosa permanece permeado por contradições.

No Brasil, esse processo adquire especial relevância diante do crescimento da população com 60 anos ou mais, o que exige questionar não apenas quantos indivíduos estão envelhecendo, mas, sobretudo, em que condições sociais, econômicas, culturais e espaciais esse envelhecimento ocorre. Dessa maneira, compreender a velhice implica ultrapassar uma perspectiva exclusivamente biológica e reconhecê-la como uma experiência socialmente construída e atravessada por diferentes marcadores, entre eles gênero, classe, geração, trabalho e território.

Nesse sentido, Bazo (1996) afirma que a velhice é mais do que um conceito biológico, constituindo-se como uma construção social. Os significados atribuídos ao envelhecimento são produzidos historicamente e variam de acordo com os valores de cada sociedade. Como aponta Silva (2003, p. 96), “o estatuto da velhice é imposto ao ser humano pela sociedade à qual pertence”, sendo influenciado por valores culturais, sociais, econômicos e psicológicos que determinam o papel e o status atribuídos à pessoa idosa. Assim, a velhice pode ser associada tanto a valores positivos, como experiência, sabedoria e conhecimento, quanto a representações depreciativas, relacionadas à fragilidade, à dependência, ao atraso ou à incapacidade. A questão central, portanto, não está apenas nas transformações biológicas decorrentes do envelhecimento, mas na forma como a sociedade interpreta essas transformações e estabelece posições sociais para aqueles que envelhecem.

Essa construção social da velhice está profundamente relacionada à centralidade atribuída ao trabalho e à produtividade na sociedade contemporânea. Em uma sociedade marcada pela competitividade, pela velocidade e pela busca constante por produtividade, o

envelhecimento pode ser interpretado como incompatível com os imperativos de agilidade e desempenho.

Oliveira (2002, p. 46) observa que “a ansiedade e a impaciência são aspectos e características importantes da sociedade. Em face dessa neurose de velocidade, é incompatível, e até mesmo um fim, aceitar o ritmo mais lento por parte dos idosos”. A desvalorização da velhice não resulta simplesmente das limitações biológicas associadas à idade, mas de uma estrutura social que tende a medir o valor dos indivíduos a partir de sua capacidade produtiva.

Essa lógica torna-se particularmente evidente no momento da aposentadoria. Para Beauvoir (1990, p. 325), a aposentadoria “introduz uma falta radical de continuidade”, estabelecendo uma ruptura com o passado e impondo ao indivíduo a necessidade de adaptação a novas condições, marcadas simultaneamente por possibilidades de descanso e por processos de empobrecimento, desqualificação e perda de reconhecimento social. A aposentadoria, portanto, não representa apenas uma mudança econômica ou profissional, mas também uma transformação identitária.

O indivíduo que durante décadas teve sua posição social associada ao trabalho pode experimentar uma espécie de deslocamento de seu papel social quando deixa de ocupar uma posição produtiva reconhecida. Dessa forma, a velhice e a aposentadoria podem ser acompanhadas por processos de desqualificação simbólica, nos quais o sujeito passa a ser percebido como alguém que “ficou para trás”.

Essa problemática ganha novas dimensões quando analisada a partir das relações de gênero. A velhice não é vivenciada da mesma maneira por homens e mulheres, uma vez que os sujeitos envelhecem carregando experiências distintas de socialização, trabalho, família e relações de poder. Britto da Motta (2015) destaca justamente a necessidade de compreender gênero e geração como dimensões articuladas da vida social, uma vez que a experiência de ser velho é simultaneamente compartilhada e diferenciada de acordo com a posição de gênero e classe dos indivíduos. Dessa forma, não existe uma única experiência de envelhecimento, mas múltiplas formas de envelhecer, construídas a partir das trajetórias sociais e das posições ocupadas pelos indivíduos ao longo da vida.

No caso dos homens, essa discussão pode ser aprofundada a partir do conceito de masculinidades desenvolvido por Raewyn Connell (2005). Para a autora, não existe uma única masculinidade, mas diferentes masculinidades produzidas dentro de relações sociais e estruturas de poder. A masculinidade hegemônica corresponde à forma socialmente mais valorizada de ser homem em determinado contexto histórico, estabelecendo padrões relacionados à força, autonomia, racionalidade, autoridade, sexualidade e capacidade produtiva.

Nesse sentido, o envelhecimento masculino pode representar uma tensão particular, pois algumas das características tradicionalmente associadas à masculinidade hegemônica — força física, produtividade, autonomia, capacidade econômica e controle sobre o próprio corpo — podem ser progressivamente questionadas pelas transformações relacionadas à idade.

Assim, envelhecer pode significar, para determinados homens, não apenas lidar com mudanças corporais, mas também negociar a própria identidade masculina diante da perda ou transformação de posições sociais anteriormente valorizadas. A aposentadoria constitui um exemplo importante dessa ruptura, especialmente quando o trabalho foi historicamente associado à identidade, à autoridade e à capacidade de prover economicamente a família. Estudos sobre envelhecimento masculino no Brasil demonstram justamente a relevância da aposentadoria e da manutenção do papel de provedor para compreender as experiências de homens idosos. Dessa maneira, o afastamento do mercado de trabalho pode ser percebido não somente como uma mudança ocupacional, mas como uma alteração na própria posição do homem dentro da família e da sociedade.

Essa relação entre masculinidade e envelhecimento também evidencia que os homens idosos não constituem um grupo homogêneo. Existem diferentes formas de experimentar a velhice masculina, determinadas pelas trajetórias profissionais, condições econômicas, relações familiares, sexualidade, classe social e redes de sociabilidade. Estudos sobre envelhecimentos masculinos ressaltam justamente a pluralidade dessas experiências e mostram que as normas de gênero produzem diferentes maneiras de perceber e vivenciar o envelhecimento. Portanto, é necessário evitar uma concepção universalizante do “homem idoso”, reconhecendo que masculinidades são construídas e reconstruídas ao longo do curso da vida.

A perspectiva de gênero também permite compreender por que determinados atributos associados à juventude permanecem socialmente valorizados mesmo quando os indivíduos envelhecem. Debert (1994; 2012) demonstra que gênero e idade se articulam na produção de diferentes representações da velhice, inclusive no que diz respeito ao corpo, à sexualidade e às expectativas sociais. O envelhecimento, portanto, não significa simplesmente a passagem cronológica dos anos, mas envolve uma negociação permanente entre as características corporais, as identidades construídas ao longo da vida e os padrões sociais que determinam aquilo que é considerado um envelhecimento “adequado”. Essa perspectiva contribui para compreender inclusive a tentativa de alguns idosos de negar a própria idade ou de aproximar-se de comportamentos associados à juventude, como forma de evitar os estigmas socialmente relacionados à velhice.

Além disso, a experiência do envelhecimento precisa ser compreendida a partir das relações entre indivíduo e sociedade. Os idosos não deixam de participar da vida social ao envelhecer; ao contrário, permanecem inseridos em redes familiares, comunitárias, econômicas e espaciais. Entretanto, essas redes podem ser modificadas pela aposentadoria, pela redução das relações profissionais, pelas mudanças familiares e pelas transformações dos espaços de sociabilidade. A socialização, portanto, não se encerra nas primeiras etapas da vida. Ela permanece como um processo contínuo, por meio do qual os indivíduos reelaboram valores, práticas e formas de interação diante das transformações sociais. No caso dos idosos, essa dimensão torna-se particularmente relevante em uma sociedade marcada pela velocidade das mudanças culturais, tecnológicas e econômicas.

Nesse contexto, a dimensão geracional também deve ser considerada. Britto da Motta (2011) chama atenção para a importância das relações entre gerações e para a necessidade de compreender tanto os processos de solidariedade quanto os conflitos intergeracionais. Os idosos carregam consigo experiências construídas em outros contextos históricos e sociais, mas continuam participando da sociedade contemporânea e reelaborando suas formas de inserção nela. Suas trajetórias constituem, portanto, parte da memória social e das experiências coletivas que atravessam diferentes gerações. O problema surge quando essas experiências são desconsideradas a partir de uma concepção de velhice baseada exclusivamente na incapacidade, na dependência ou na improdutividade.

Dessa maneira, compreender o envelhecimento exige questionar a associação automática entre idade avançada, dependência e ausência de perspectivas. O idoso não deixa de possuir projetos, desejos, capacidade de decisão ou participação social em razão da idade. Pelo contrário, suas experiências podem constituir importantes formas de conhecimento, memória e produção da vida social. O que precisa ser problematizado, portanto, não é apenas o envelhecimento enquanto processo individual, mas a estrutura social que produz determinados lugares para aqueles que envelhecem. Nesse sentido, a velhice deve ser analisada como uma experiência plural, atravessada por gênero, classe, geração, trabalho, família e espaço.

Assim, incorporar a discussão sobre masculinidades e gênero ao estudo do envelhecimento permite superar uma visão homogênea da população idosa e compreender que envelhecer significa também enfrentar expectativas sociais construídas ao longo de toda a trajetória de vida. Para os homens, particularmente, a tensão entre envelhecimento e modelos de masculinidade centrados na força, autonomia, produtividade e capacidade de prover pode produzir novas formas de vulnerabilidade, mas também possibilidades de ressignificação da identidade masculina. A velhice, portanto, não representa simplesmente uma etapa de perda ou

regressão, mas um período no qual identidades, relações sociais e formas de participação podem ser reconstruídas.

Por fim, pensar o envelhecimento a partir da Geografia implica reconhecer que essas relações não acontecem fora do espaço. Os idosos envelhecem em determinados lugares, constroem trajetórias territoriais, estabelecem redes de sociabilidade e atribuem significados aos espaços públicos e privados que frequentam. As condições de acessibilidade, mobilidade, segurança e convivência presentes nas cidades interferem diretamente nas possibilidades de participação social da população idosa. Dessa forma, compreender a velhice significa também compreender os espaços que possibilitam ou limitam sua presença e participação.

Mais do que uma categoria definida cronologicamente, a velhice constitui uma experiência social, espacial e culturalmente produzida, na qual gênero, masculinidades, geração, classe e relações de poder se articulam. É justamente nessa perspectiva que o envelhecimento pode deixar de ser compreendido como sinônimo de perda e passar a ser analisado como uma experiência plural de permanência, transformação, resistência e reconstrução da vida social.

A partir da discussão desenvolvida, é possível compreender a sociabilidade como um processo essencialmente dinâmico, relacional e espacial, que se manifesta nas interações cotidianas entre os indivíduos e nos diferentes contextos sociais em que essas relações são produzidas. A contribuição de Simmel (2006) permite entendê-la como um “jogo” social constituído por reciprocidades, espontaneidades, regras implícitas e formas de cortesia que possibilitam a convivência entre sujeitos distintos. Maffesoli (1996), por sua vez, amplia essa compreensão ao enfatizar a dimensão afetiva, a identificação e a formação de vínculos a partir das experiências compartilhadas. Quando essas contribuições são aproximadas da perspectiva geográfica, evidencia-se que a sociabilidade não ocorre de maneira abstrata, mas se materializa em espaços concretos, nos quais os indivíduos estabelecem relações, constroem significados, negociam códigos de convivência e produzem continuamente diferentes formas de apropriação espacial.

Nesse sentido, os espaços públicos assumem papel fundamental para a compreensão geográfica da sociabilidade, justamente por constituírem lugares nos quais a diversidade e a alteridade se encontram. Praças, ruas, calçadas, parques e demais espaços de uso público não podem ser compreendidos apenas a partir de suas características físicas ou funcionais, pois também expressam relações sociais, disputas, diferenças, práticas culturais e formas distintas de apropriação.

A perspectiva de Gomes (2002; 2012) evidencia que o espaço público pressupõe a possibilidade de coexistência e convivência com a diferença, submetendo as particularidades dos indivíduos a determinados códigos de civilidade. Entretanto, como demonstrado ao longo da discussão, esses espaços também são atravessados por desigualdades, processos de segregação, violência, privatização e seletividade. Assim, a sociabilidade pública não deve ser compreendida como uma relação necessariamente harmônica, mas como um processo marcado simultaneamente pela aproximação e pelo distanciamento, pela identificação e pela diferença, pela cooperação e pelo conflito.

Por fim, a praça pode ser compreendida como uma expressão privilegiada dessa relação entre espaço e sociabilidade. Sua permanência ao longo do tempo, suas múltiplas funções e sua capacidade de incorporar diferentes práticas demonstram que ela não constitui apenas uma estrutura física previamente delimitada, mas um espaço permanentemente produzido e ressignificado pelas práticas sociais. Das funções comerciais, políticas, religiosas e culturais apontadas por Rigotti (2014) e Sitte (1992) às formas cotidianas de encontro, lazer, conversa, observação e convivência destacadas por Spirn (1995) e Zuliane (2018), a praça revela a multiplicidade da vida urbana e a capacidade dos indivíduos de atribuírem novos sentidos aos espaços.

Desse modo, compreender a Praça Getúlio Vargas, em Ponta Grossa, implica analisá-la não apenas como uma paisagem ou elemento da morfologia urbana, mas como um espaço vivido, apropriado e transformado pelas relações sociais. É justamente nessa articulação entre materialidade, práticas cotidianas, memória, apropriação e interação que a sociabilidade pública adquire relevância para a Geografia, permitindo compreender a praça como um espaço em permanente construção, no qual a vida urbana se manifesta em sua pluralidade, em suas tensões e em suas diferentes formas de convivência.

CAPÍTULO 2 - CAMINHOS DA PESQUISA: A PRAÇA GETÚLIO VARGAS E A SOCIABILIDADE MASCULINA

2.1 A PRAÇA GETÚLIO VARGAS NA CIDADE DE PONTA GROSSA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS

A Praça Getúlio Vargas integra a história da cidade de Ponta Grossa desde 1956 e possui uma trajetória relacionada à antiga Praça Bernardes Moreira Garces. Situada no bairro Nova Rússia, caracteriza-se pela presença de referências culturais associadas, entre outros aspectos, à imigração da Europa Oriental. A Fotografia 1 apresenta um registro da Praça Getúlio Vargas realizado na década de 1960.[1]

FOTOGRAFIA 1 – Vista aérea da Praça Getúlio Vargas na década de 1960



Figura 1

Fonte: G1; Ponta Grossa Memória Viva; acervo de Éder Carlos; Ponta Grossa Histórica.

Na origem da praça, o espaço foi denominado “Jardim Zoológico e Botânico de Ponta Grossa”, com a proposta de reunir um jardim botânico e um zoológico. Diferentemente de muitos zoológicos atuais, situados em áreas afastadas dos centros urbanos, o espaço localizava-se em um bairro próximo à região central. O zoológico abrigava animais selvagens, como macacos, zebras, cobras e até mesmo um leão, conforme apresentado na Fotografia 2.

[1] São poucos os registros históricos relacionados à Praça Getúlio Vargas na cidade de Ponta Grossa. Após a realização de buscas em plataformas acadêmicas, a imagem do acerco de Éder Carlos configura-se como o registro mais antigo da praça.

FOTOGRAFIA 2 – Registro de um leão no antigo Jardim Zoológico e Botânico de Ponta Grossa

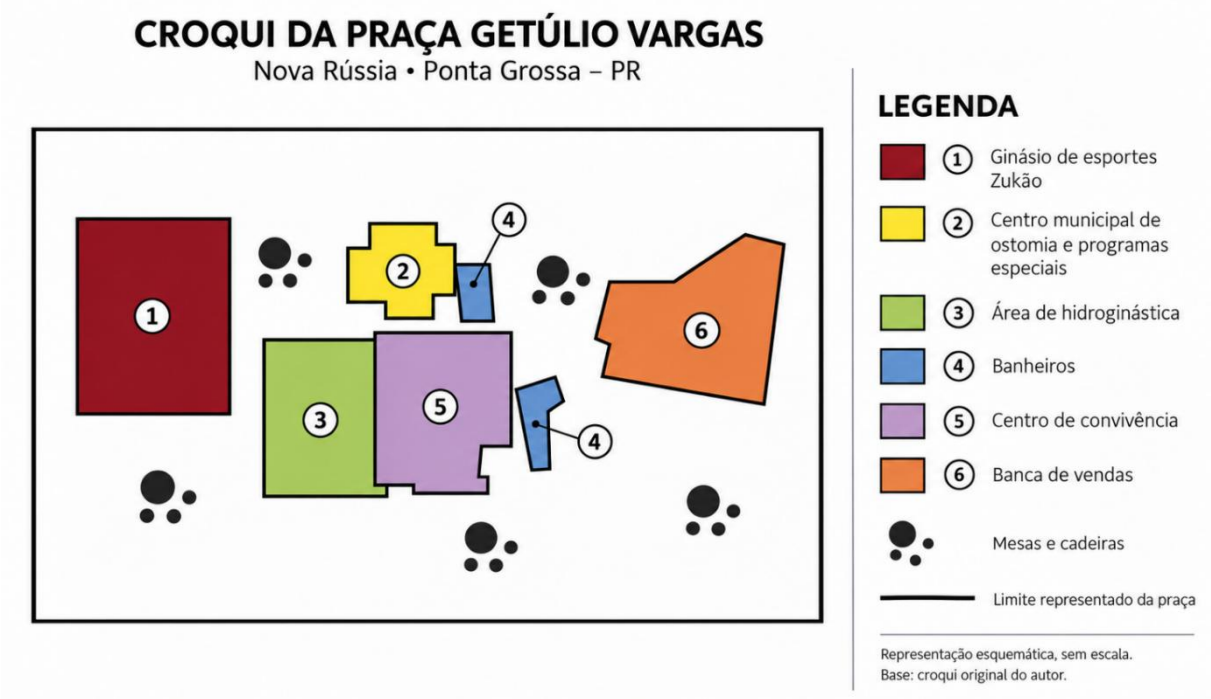


Fonte: RPC (2023).

Naquele período, a praça funcionava como jardim zoológico e botânico e estava localizada nas proximidades de escolas e hospitais. Segundo relatos da época, era possível ouvir o rugido do leão a certa distância, o que contribuiu para a popularização do nome “Praça dos Bichos”. Também existem referências aos sons e aos odores dos animais mantidos no local. Essa fase da praça estendeu-se até a década de 1970. Com a ampliação das exigências sanitárias, os animais foram transferidos, e o jardim zoológico foi desativado. Posteriormente, o espaço recebeu o nome de Praça Getúlio Vargas, em homenagem ao ex-presidente.

Ao longo dos anos, a praça passou por diversas alterações voltadas à melhoria de seus equipamentos. Atualmente, apresenta diferentes estruturas e espaços utilizados para finalidades específicas. A Figura 1 representa a organização espacial desses equipamentos de acordo com suas funções.

FIGURA 1 – Croqui dos equipamentos e espaços de uso da Praça Getúlio Vargas, em Ponta Grossa (PR)



Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

FOTOGRAFIA 3 – Vista externa do Ginásio de Esportes Estanislau Stanislanc (Zukão)



Fonte: Acervo do autor (2026).

A análise do croqui apresentado na Figura 1 evidencia a variedade de espaços e equipamentos da Praça Getúlio Vargas, utilizados por pessoas de diferentes faixas etárias. Embora esta pesquisa tenha como foco os grupos de pessoas idosas, a praça também abriga atividades destinadas a outros públicos. Um exemplo, mostrado na Fotografia 3, é o Ginásio de Esportes Estanislau Stanislanc, popularmente conhecido como “Zukão”, representado em vermelho-escuro e identificado pelo número 1 no croqui. Nesse local, ocorrem competições como o Campeonato Metropolitano de Futsal, a Copa PG de Futsal Feminino, o Campeonato Estudantil Municipal (CEM) e os Jogos Estudantis da Primavera (JEP).

Em uma análise mais ampla, o ginásio se destaca pela variedade de atividades desenvolvidas, diferenciando-se dos demais equipamentos da Praça Getúlio Vargas. Ao longo dos anos, passou por mudanças e melhorias em sua infraestrutura interna. Em 2021, durante a pandemia, também foi utilizado como abrigo para pessoas em situação de rua, com colchões e cobertores doados pela prefeitura. Esse exemplo evidencia a diversidade de funções do ginásio, que vão das atividades esportivas às ações de apoio social à comunidade.

FOTOGRAFIA 4 – Fachada do Centro Municipal de Ostomia e Programas Especiais (CEMOPE)



Fonte: Acervo do autor (2026).

Outro equipamento localizado na Praça Getúlio Vargas é o Centro Municipal de Ostomia e Programas Especiais (CEMOPE), apresentado na Fotografia 4 e representado em amarelo e identificado pelo número 2 no croqui. O centro presta atendimento e orientação às pessoas com ostomia, procedimento cirúrgico que cria uma abertura para a exteriorização de

parte de um órgão. Entre suas atividades estão o acompanhamento dos usuários, as orientações sobre os cuidados necessários e o fornecimento de materiais específicos.

Esse equipamento amplia as formas de utilização da praça, acrescentando uma dimensão relacionada à saúde e aos cuidados com a comunidade. O CEMOPE atende pessoas de diferentes faixas etárias, incluindo crianças, adultos e idosos, além de desempenhar uma função social de apoio aos usuários e às suas famílias no cotidiano.

FOTOGRAFIA 5 – Vista dos espaços destinados à convivência e às atividades de hidroginástica na Praça Getúlio Vargas



Fonte: Acervo do autor (2026).

A Figura 1 representa a área de hidroginástica e o centro de convivência, também mostrados na Fotografia 5, identificados, respectivamente, pelas cores verde e roxa e pelos números 3 e 5. Esses são os espaços onde se concentram diversas atividades de lazer voltadas à população idosa. Na representação, observa-se que as duas estruturas estão próximas e apresentam funções complementares. Durante os trabalhos de campo, constatou-se a utilização da área de hidroginástica sobretudo por mulheres idosas, que realizavam atividades voltadas à mobilidade, à autonomia nas tarefas cotidianas e ao fortalecimento muscular.

A menor presença de homens nessa atividade pode ser analisada a partir das relações de gênero na ocupação dos espaços e dos estigmas associados aos cuidados masculinos com a saúde. Nesse mesmo ambiente, também ocorrem eventos esporádicos, como os “bailões”, com música ao vivo e danças tradicionais praticadas em casais. Nessas ocasiões, observou-se uma participação conjunta mais expressiva de homens e mulheres.

FOTOGRAFIA 6 – Fachada da Banca Nova Rússia, localizada na Praça Getúlio Vargas



Fonte: Banca da Nova Rússia – PG, Facebook (2022).

Outro espaço destacado no croqui é a banca de vendas (Fotografia 6), simbolizada pela cor laranja. Enquanto os equipamentos anteriormente descritos pertencem ao município e se destinam a atividades de apoio e atendimento à comunidade, a banca possui uma função comercial. Ainda assim, sua presença integra a dinâmica da Praça Getúlio Vargas, pois em seu entorno também ocorrem encontros e interações sociais. O estabelecimento está presente no bairro Nova Rússia há mais de uma década.

FOTOGRAFIA 7 – Mesas e assentos utilizados para os jogos de cartas na Praça Getúlio Vargas



Fonte: Acervo do autor (2026).

Outros elementos fundamentais para a dinâmica da praça são as mesas e os assentos (Fotografia 7), representados por círculos pretos no croqui. Sua importância ultrapassa a função de mobiliário urbano, uma vez que neles se concentram as principais interações entre os homens idosos observados. Há seis mesas com a mesma configuração, mas com usos distintos: três são destinadas às partidas de truco e as outras três, às partidas de tranca.

Durante os períodos de observação, todas as mesas estavam ocupadas, e os frequentadores que não participavam das partidas permaneciam acompanhando os jogos.

Quanto à conservação e à distribuição, observou-se o desgaste da pintura das mesas e a ausência de manutenção adequada. Por estarem localizadas a céu aberto, as condições climáticas desfavoráveis dificultam a realização dos jogos. Nos períodos em que a praça apresenta menor movimentação, as mesas também são utilizadas apenas para descanso e permanência.

FOTOGRAFIA 8 – Condições de conservação da área externa dos banheiros públicos da Praça Getúlio Vargas



Fonte: Acervo do autor (2026).

Outro espaço a destacar são os banheiros da praça (Fotografia 8), indicados em azul no croqui. Embora sua função seja evidente, é importante observar aspectos de sua conservação, como pichações e descarte inadequado de resíduos sólidos, que indicam a necessidade de maior manutenção desses equipamentos.

Segundo as observações relatadas na pesquisa, os banheiros também apresentam sinais de depredação e são utilizados para o consumo de drogas em períodos noturnos, o que evidencia problemas de segurança e conservação no espaço.

As alterações realizadas na estrutura da Praça Getúlio Vargas também influenciaram suas formas de uso e apropriação. Atualmente, a praça constitui um ponto de referência para determinadas práticas de sociabilidade. Sua história e seu legado como "Praça dos Bichos" tornam o local relevante para analisar tanto as formas de utilização do espaço quanto os grupos que o frequentam. Nesta pesquisa, o foco recai sobre os homens idosos que permanecem na praça e desenvolvem práticas específicas de sociabilidade.

2.2 OPERACIONALIZAÇÃO DA PESQUISA

Nesta pesquisa, adotou-se uma abordagem qualitativa voltada à compreensão dos significados atribuídos à Praça Getúlio Vargas pelos homens idosos que a frequentam. Interessou compreender como os encontros, os jogos e as conversas se relacionam com suas trajetórias e com a organização de seu cotidiano. Por isso, a investigação articulou a observação direta do espaço e das práticas de sociabilidade à escuta das narrativas dos participantes, considerando tanto as condições materiais da praça quanto as experiências por meio das quais seus frequentadores atribuem sentido à permanência nesse lugar.

O trabalho de campo foi desenvolvido em três visitas, realizadas em 20 e 27 de agosto e em 6 de setembro. Cada ida teve um objetivo específico, mas integrou um processo de aproximação ao espaço e aos sujeitos pesquisados. A sequência dos campos permitiu relacionar o reconhecimento inicial da praça, a observação de suas condições de uso e a compreensão dos sentidos apresentados pelos idosos em seus relatos. Dessa forma, a descrição dos equipamentos e das atividades foi articulada à investigação da importância que esses encontros assumem para quem participa deles.

A primeira visita, em 20 de agosto, teve como propósito observar a praça, produzir os registros fotográficos utilizados no trabalho e estabelecer conversas iniciais com os idosos. O reconhecimento do espaço possibilitou situar os locais de permanência e a concentração dos frequentadores junto às mesas destinadas aos jogos de cartas. As fotografias contribuíram para

registrar a organização material da praça e contextualizar as práticas observadas. As conversas informais, por sua vez, constituíram uma primeira aproximação às pessoas que utilizam esses equipamentos e às relações que ali se desenvolvem.

A observação dos campos permitiu reconhecer que a presença dos idosos junto às mesas envolvia diferentes formas de participação. Além dos jogadores, havia frequentadores que acompanhavam as partidas e permaneciam conversando. Essa situação indicou a necessidade de compreender a convivência a partir dos modos como cada pessoa se insere no grupo. A ocupação de uma mesa é visível ao pesquisador; o significado de encontrar conhecidos, acompanhar um jogo ou ter alguém com quem conversar precisa ser compreendido também por meio das narrativas daqueles que vivenciam essas situações.

A segunda visita, realizada em 27 de agosto, concentrou-se na identificação das problemáticas estruturais e dos fatores relacionados à segurança pública. A atenção às condições dos equipamentos e dos espaços de convivência buscou compreender sua relação com as possibilidades de permanecer na praça e desenvolver as atividades valorizadas pelos frequentadores. Na interpretação do material, distinguiram-se as condições observáveis de conservação e uso das avaliações de segurança expressas pelos participantes. Essa distinção é relevante porque a sensação de poder permanecer em um lugar com tranquilidade integra a experiência dos sujeitos e não pode ser deduzida exclusivamente da aparência física do espaço.

A terceira ida a campo ocorreu em 6 de setembro e foi direcionada à análise da praça em articulação com o referencial teórico desenvolvido no trabalho. Nessa ocasião, foram realizadas as entrevistas, buscando compreender a frequência das visitas, o tempo de permanência e a importância dos encontros na vida cotidiana dos participantes. O diálogo entre a teoria, as situações observadas e os relatos permitiu interpretar os jogos e as conversas como práticas por meio das quais se constroem relações de convivência. Também possibilitou considerar que essas relações apresentam diferenças, limites de participação e tensões, conforme discutido na análise dos resultados.

Os significados da praça foram compreendidos a partir da diversidade das experiências narradas. Para alguns participantes, o local está associado principalmente ao lazer; para outros, encontrar os mesmos parceiros representa companhia, familiaridade e a possibilidade de compartilhar preocupações. As lembranças de experiências anteriores na praça também revelaram vínculos construídos ao longo das trajetórias individuais. A escuta desses relatos foi necessária para compreender por que atividades semelhantes, como jogar cartas e conversar, podem assumir sentidos distintos. Assim, a frequência ao espaço não foi tomada, por si só,

como evidência de solidão ou abandono, pois as motivações para estar na praça variam entre os entrevistados.

A posição do pesquisador nesse processo exige reconhecer que ele não integra o grupo de homens idosos investigado nem compartilha, nas mesmas condições, suas trajetórias e sua relação cotidiana com a praça. A compreensão construída na pesquisa decorre da aproximação pela observação e pelo diálogo. Essa diferença de posição requer atenção para que as interpretações do pesquisador não sejam apresentadas como se correspondessem diretamente à experiência dos participantes. A escuta das explicações sobre por que frequentam o local, o que valorizam nos encontros e como percebem as condições de uso permite aproximar-se de seus pontos de vista, preservando o reconhecimento de que são eles que vivenciam essas relações.

Nesse sentido, a análise articulou o que pôde ser observado nos campos aos sentidos expressos nas entrevistas. Os registros fotográficos permitiram contextualizar a materialidade do espaço; a observação das práticas contribuiu para compreender como ele era utilizado; e as narrativas trouxeram elementos das experiências e dos vínculos que não se tornam plenamente compreensíveis pela observação visual. O referencial teórico orientou a leitura desse conjunto, enquanto as diferenças entre os relatos exigiram considerar a pluralidade dos modos de envelhecer e de participar da convivência na praça.

A interpretação produzida constitui, portanto, uma aproximação situada às experiências dos participantes, construída a partir das visitas e dos relatos reunidos na pesquisa. Seus resultados dizem respeito ao grupo e às situações estudadas. Reconhecer esse alcance permite valorizar os significados compartilhados pelos entrevistados sem reduzir os homens idosos a uma experiência homogênea de envelhecimento ou presumir que os sentidos identificados esgotem suas relações com a praça.

Outro procedimento foi a elaboração do roteiro de entrevistas, dividido em duas partes. A primeira teve como objetivo identificar o perfil dos homens idosos que frequentam a Praça Getúlio Vargas, por meio de perguntas sobre idade, gênero, escolaridade, profissão, renda, religião, situação familiar e etnia. Para preservar a identidade dos participantes e proteger suas falas, foram utilizados pseudônimos ao longo do trabalho. O roteiro aplicado encontra-se no Apêndice A.

A segunda parte do roteiro de entrevista é composta por 11 perguntas abertas. Seu objetivo é compreender a interpretação pessoal de cada participante e sua relação com a praça.

Foram contemplados aspectos relacionados ao tempo de frequência, às formas de uso do espaço e aos efeitos dessas experiências no cotidiano dos entrevistados.

A primeira e a segunda perguntas têm como objetivo compreender por que os homens idosos se deslocam até a Praça Getúlio Vargas e há quanto tempo frequentam o local. A terceira pergunta refere-se aos diferentes usos da praça. Durante os trabalhos de campo anteriores à aplicação do roteiro, observou-se que os homens idosos utilizavam o espaço principalmente para jogos de cartas. Dessa forma, buscou-se investigar se os participantes também se apropriavam de outros espaços e realizavam atividades diferentes.

A quarta pergunta busca compreender como cada participante conheceu a praça, seja por experiência anterior, seja por indicação de pessoas próximas. A quinta pergunta relaciona-se diretamente à anterior e procura identificar as qualidades, particularidades e diferenças da Praça Getúlio Vargas em relação aos demais espaços públicos do município. Considerando que Ponta Grossa possui diferentes parques e praças, com distintas estruturas e localizações, tornou-se importante compreender os motivos da preferência dos entrevistados por esse local.

A sexta pergunta aborda a avaliação dos participantes quanto à estrutura da praça e à atuação do poder público em questões como segurança, manutenção e melhorias. Busca-se, assim, identificar se a praça atende às necessidades de seus frequentadores ou se apresenta problemas relacionados à falta de conservação e de investimentos.

A sétima pergunta investiga os deslocamentos até a praça, buscando compreender se os idosos vão sozinhos ou acompanhados e se existe alguma articulação entre eles para organizar as visitas. Também foram considerados os meios de transporte utilizados, como transporte público ou veículo próprio, e a distância entre a residência dos entrevistados e a praça.

Ao longo deste trabalho, discutiram-se a sociabilidade e sua manifestação nos espaços públicos, especialmente nas praças. A oitava pergunta concentrou-se na formação de amizades na Praça Getúlio Vargas e na criação de redes de interação social. Também se buscou compreender se essas relações se restringem aos encontros na praça ou se se estendem a outros momentos e espaços da vida cotidiana.

A nona pergunta buscou investigar o tempo de permanência dos idosos na praça e a frequência de suas visitas. O objetivo foi identificar quantas horas os participantes costumam passar no local e se frequentam a praça diariamente ou em dias específicos.

A décima e a décima primeira perguntas encerram o roteiro aplicado aos homens idosos que frequentam a Praça Getúlio Vargas. Inicialmente, os participantes foram questionados se já haviam levado conhecidos ao local para socializar e se essas pessoas passaram a frequentá-lo. Por fim, investigou-se a importância das práticas de sociabilidade

desenvolvidas na praça para sua vida cotidiana, considerando possíveis mudanças em suas relações sociais e em seu bem-estar.

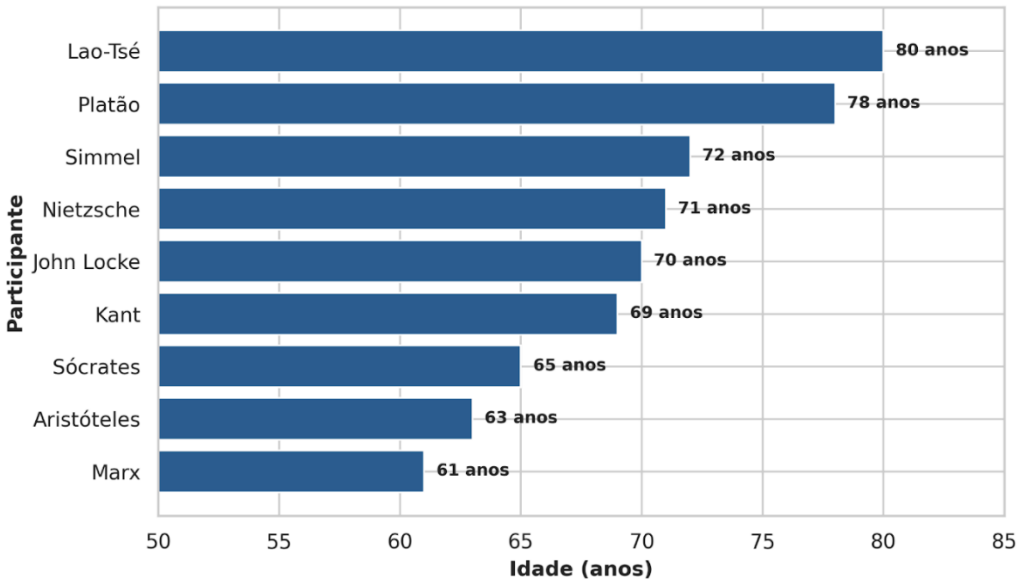
2.3. O PERFIL DOS HOMENS IDOSOS QUE FREQUENTAM A PRAÇA GETÚLIO VARGAS

Participaram desta pesquisa nove homens idosos que frequentam a Praça Getúlio Vargas. A seguir, apresenta-se o perfil desse grupo. Os dados pessoais dos entrevistados foram preservados, e foram utilizados pseudônimos para identificá-los. Algumas informações foram organizadas em gráficos, a fim de facilitar a visualização dos resultados.

Em relação à idade, todos os entrevistados têm mais de 60 anos. Cabe destacar que o IBGE utiliza diferentes recortes etários em suas análises demográficas. Entre eles, encontram-se as faixas de 0 a 14 anos, de 15 a 64 anos e de 65 anos ou mais. Segundo o Censo Demográfico de 2022, a população brasileira com 65 anos ou mais ultrapassava 20 milhões de pessoas. Ao considerar a população com 60 anos ou mais, esse total superava 32 milhões.

Considerando o recorte de 65 anos ou mais utilizado nessa classificação etária, dois entrevistados não pertencem a essa faixa. Entretanto, todos são considerados pessoas idosas pelo Estatuto da Pessoa Idosa, que adota o limite de 60 anos. O Gráfico 1 apresenta as idades dos participantes da pesquisa.

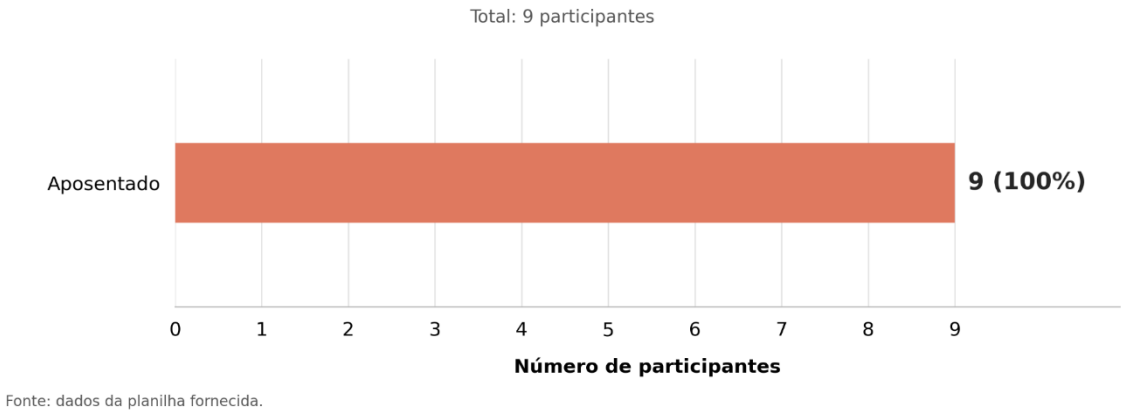
GRÁFICO 1 – Idade dos participantes da pesquisa



Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa de campo (2026).

A partir do Gráfico 1, observa-se que todos os participantes têm mais de 60 anos. O mais jovem é o entrevistado Marx, e o mais velho é Lao-Tsé, com 80 anos. Dessa forma, o grupo apresenta diferenças etárias internas. Quanto à situação ocupacional, o Gráfico 2 mostra que todos os entrevistados são aposentados.

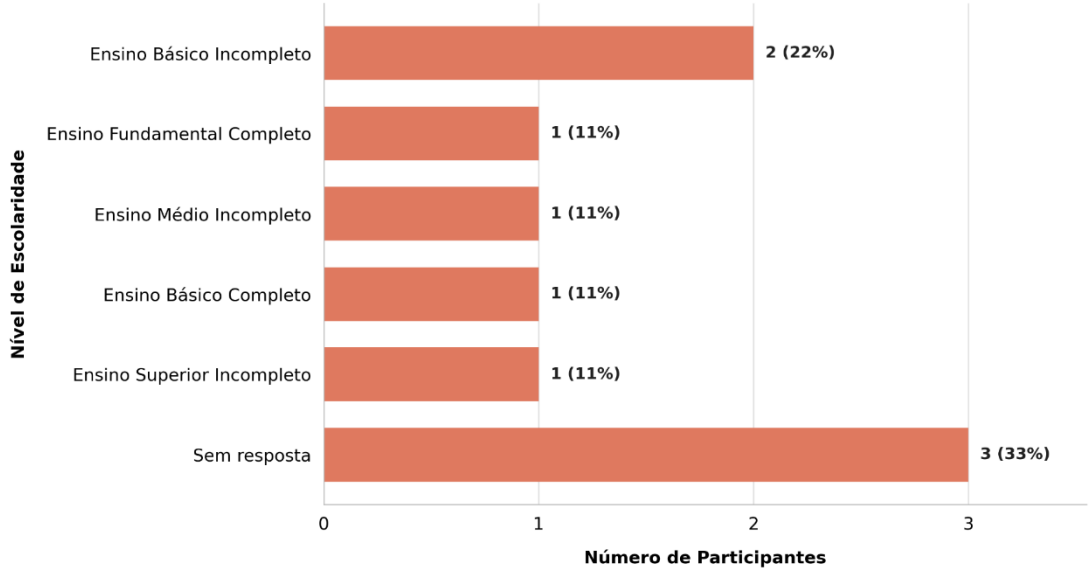
GRÁFICO 2 – Situação ocupacional dos participantes da pesquisa



Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa de campo (2026).

Outro dado relevante é o nível de escolaridade **(Gráfico 3)**, que apresenta diferenças entre os entrevistados.

GRÁFICO 3 – Nível de escolaridade dos participantes da pesquisa



Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa de campo (2026).

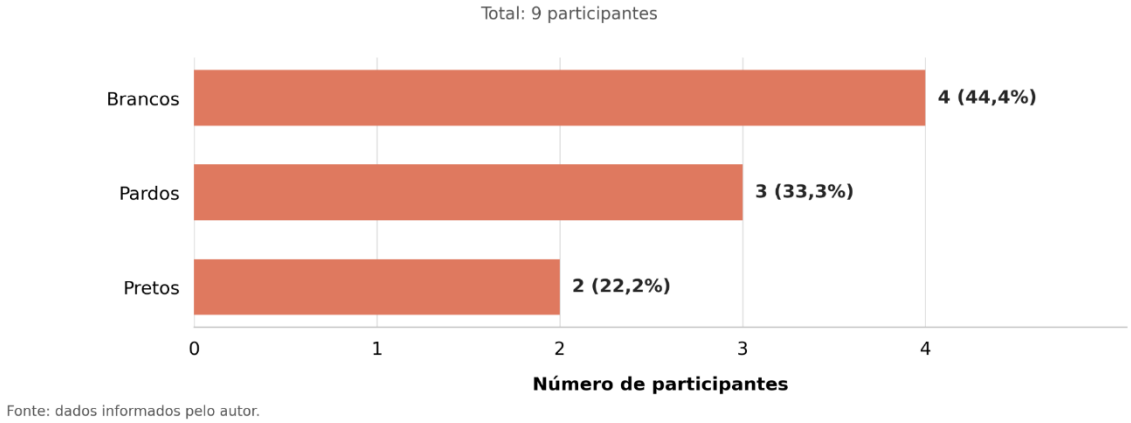
Para contextualizar os níveis de escolaridade dos entrevistados, é importante compará-los aos dados nacionais do IBGE referentes à distribuição percentual do nível de instrução, divulgados em 2024. Entre as pessoas de 60 a 69 anos, 50,9% estavam na categoria “sem instrução e ensino fundamental incompleto”; 12,0%, em “ensino fundamental completo e ensino médio incompleto”; 22,7%, em “ensino médio completo e ensino superior incompleto”; e 14,7% possuíam ensino superior completo. Na faixa de 70 a 79 anos, os percentuais eram, respectivamente, 62,9%, 9,4%, 15,4% e 12,3%.

Com base nessas estatísticas, observa-se uma aproximação entre o perfil dos entrevistados e determinados aspectos da realidade nacional. Dois participantes classificados no levantamento como pessoas com ensino básico incompleto relataram ter estudado até o 3º e o 5º ano, respectivamente. Segundo seus relatos, a interrupção dos estudos esteve relacionada às condições socioeconômicas e à necessidade de ingresso precoce no mercado de trabalho.

Na distribuição observada entre os participantes, foram identificadas diferentes categorias de escolaridade, como ensino fundamental completo, ensino médio incompleto, ensino básico completo (denominação utilizada no levantamento para os anos iniciais, do 1º ao 5º ano) e ensino superior incompleto. Essa distribuição difere, em alguns aspectos, dos percentuais nacionais apresentados pelo IBGE. Nenhum dos entrevistados havia concluído o ensino superior. Ao ser questionado sobre os motivos da interrupção dos estudos, um participante respondeu: “Eu comecei a fazer quando era veío já la pelos 40 anos, e como era particular tava pesando muito no bolso” O relato evidencia dificuldades econômicas e obstáculos à continuidade da formação educacional.

No recorte estadual do Paraná, os dados do Censo Demográfico de 2022 para homens com 60 anos ou mais apresentam a seguinte distribuição: 61,92% sem instrução ou com ensino fundamental incompleto; 10,95% com ensino fundamental completo ou médio incompleto; 16,05% com ensino médio completo ou superior incompleto; e 11,08% com ensino superior completo. Esses percentuais permitem estabelecer uma comparação entre o perfil dos entrevistados e os indicadores estaduais e nacionais.

GRÁFICO 4 – Distribuição dos participantes por cor ou raça



Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa de campo (2026).

Outro indicador analisado, a partir das categorias utilizadas pelo IBGE, é a cor ou raça dos participantes, conforme o Gráfico 4. Para essa comparação, considerou-se um recorte etário de 61 a 80 anos.

TABELA 1 – População residente no Brasil por cor ou raça, sexo e idade, com recorte de 61 a 84 anos (2022)

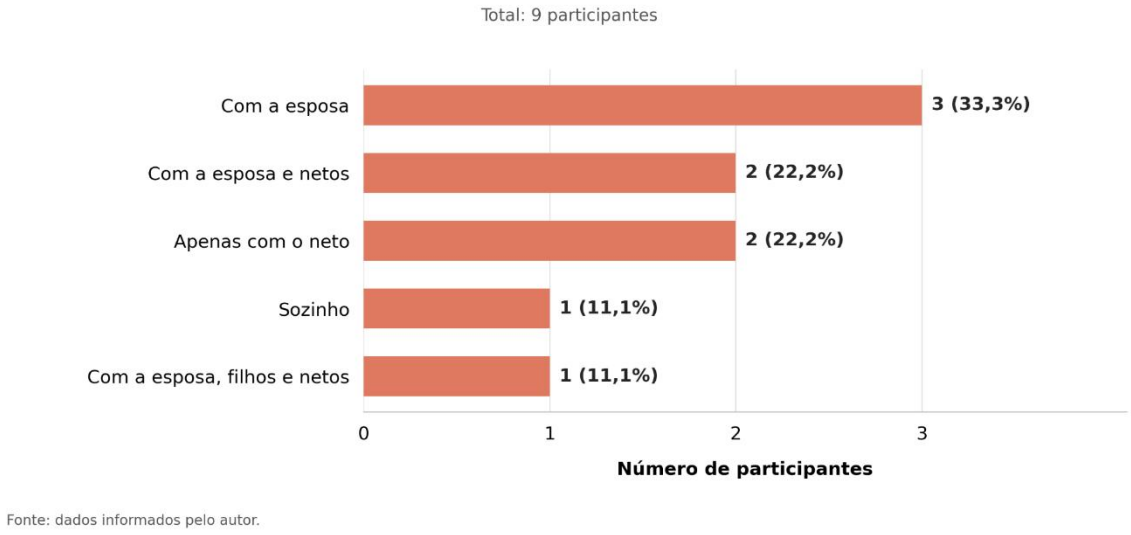
Idade	Branca		Preta		Parda	
	Total	Homens	Total	Homens	Total	Homens
Total (todas as idades)	**88,252,121**	**41,788,566**	**20,656,458**	**10,526,020**	**92,083,286**	**45,199,577**
61 anos	967,791	440,149	199,483	96,157	777,287	364,088
62 anos	992,923	450,662	215,965	103,499	823,582	385,713
63 anos	922,517	417,275	195,013	93,066	735,403	343,405
64 anos	893,382	402,761	190,009	90,186	722,900	336,249
65 a 69 anos	**3,979,726**	**1,774,006**	**795,018**	**371,432**	**3,021,587**	**1,405,388**
65 anos	905,155	406,954	188,404	89,003	714,188	334,223
66 anos	822,127	366,011	166,083	77,861	636,757	295,686
67 anos	790,063	352,445	157,577	73,379	596,307	277,317
68 anos	762,933	338,846	151,231	70,712	574,394	267,005
69 anos	699,448	309,750	131,723	60,477	499,941	231,157
70 a 74 anos	**3,072,479**	**1,336,551**	**571,071**	**260,218**	**2,144,482**	**986,251**
70 anos	718,269	315,403	142,329	65,310	528,366	243,945
71 anos	626,310	275,400	114,145	52,467	430,931	199,459
72 anos	632,174	274,774	119,624	54,548	449,287	206,716
73 anos	560,343	242,061	99,444	45,055	375,005	171,521
74 anos	535,383	228,913	95,529	42,838	360,893	164,610
75 a 79 anos	**2,091,008**	**870,913**	**357,500**	**159,000**	**1,345,830**	**604,296**
75 anos	502,341	213,112	87,711	39,148	329,576	149,267
76 anos	448,170	188,150	77,409	34,585	290,204	131,063
77 anos	408,300	169,506	68,841	30,794	259,762	116,651
78 anos	387,365	159,670	67,500	29,807	253,034	111,814
79 anos	344,832	140,475	56,239	24,666	213,254	95,501
80 a 84 anos	**1,380,516**	**538,104**	**225,159**	**95,767**	**832,790**	**360,123**

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2022, Tabela 9606 (SIDRA).

De acordo com os números apresentados na Tabela 1, para homens de 61 a 80 anos constam os números de 88.252.121 brancos e 92.083.286 pardos. A comparação com os entrevistados deve considerar a história de ocupação do território paranaense, marcada pela imigração europeia, bem como as mudanças na composição étnico-racial da população ao longo do tempo.

No grupo entrevistado, predominam os homens autodeclarados brancos (44,4%), seguidos pelos pardos (33,3%) e pelos pretos (22,2%), estes últimos representados por dois participantes. Esses dados podem ser discutidos à luz do contexto histórico do bairro Nova Rússia, marcado por processos de imigração europeia e transformações em sua composição populacional.

GRÁFICO 5 – Situação familiar dos participantes da pesquisa



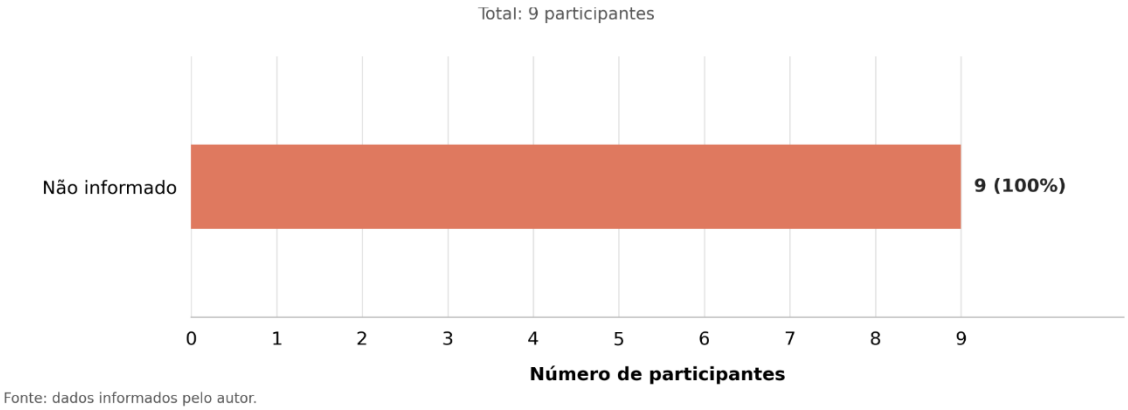
Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa de campo (2026).

Outro indicador relacionado à permanência dos participantes na praça é a situação familiar, apresentada no Gráfico 5. Considerando as discussões sobre solidão, abandono e possíveis processos de isolamento social na velhice, os entrevistados foram questionados sobre a convivência com familiares em suas residências.

Os resultados das entrevistas apresentam aspectos que relativizam as discussões teóricas sobre isolamento familiar. Cerca de 77% dos participantes declararam morar com familiares, como esposas, netos ou ambos. Além disso, relataram frequentar a praça para manter contato com outras pessoas e diversificar suas atividades cotidianas.

Apenas um participante declarou morar sozinho. Para ele, as visitas à praça auxiliam na socialização e na redução do sentimento de isolamento.

GRÁFICO 6 – Renda dos participantes da pesquisa



Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa de campo (2026).

Como mostra o Gráfico 6, no conjunto das informações de identificação dos participantes, a renda não foi informada por nenhum dos entrevistados. Essa ausência de respostas não permite concluir que eles não possuam renda, tampouco estabelecer relações diretas entre a situação econômica individual e as práticas de sociabilidade observadas na praça.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 MOTIVOS PARA FREQUENTAR A PRAÇA GETÚLIO VARGAS

A primeira questão buscou compreender por que os entrevistados frequentam a Praça Getúlio Vargas. Além de identificar os motivos mais comuns, a pergunta permitiu observar como fatores sociais e pessoais influenciam a permanência dos idosos nesse espaço. Entre as respostas, apareceu com frequência a vontade de sair de casa e encontrar outras pessoas. Um dos entrevistados resumiu esse motivo da seguinte forma: “Comecei a vir nessa praça porque em casa eu fico sozinho”.

Esse relato mostra que a praça pode funcionar como uma alternativa à permanência em casa e como uma oportunidade de manter contato com outras pessoas. A fala não significa, necessariamente, que todos os entrevistados vivenciem abandono familiar, mas indica que a falta de companhia em determinados momentos pode influenciar a busca por espaços de convivência. Essa questão se aproxima da discussão apresentada no capítulo 1 sobre o envelhecimento como uma experiência social, que não depende apenas da idade, mas também das relações familiares, das condições de vida e das oportunidades de participação na cidade.

A importância desse convívio aparece também no relato do entrevistado identificado pelo pseudônimo Kant: “Eu venho para praça pra desocupar a mente após a morte da minha esposa, fiquei em depressão e chego aqui pra conversar com meus parceiros”. Nesse caso, a praça está relacionada a um momento difícil da vida do entrevistado e à busca por companhia depois da perda da esposa. A conversa com os outros frequentadores parece oferecer uma forma de lidar com a rotina e de não permanecer sozinho durante esse período.

Essa experiência pode ser relacionada à discussão de Gomes (2002), segundo a qual o espaço público possibilita o encontro entre pessoas diferentes e a convivência para além das relações mais próximas. No caso da praça, os entrevistados encontram pessoas com quem compartilham atividades e experiências, mesmo que não tenham vínculos familiares. Também se aproxima de Maffesoli (1996), que destaca a importância dos vínculos afetivos e das identificações construídas nas experiências cotidianas. As relações estabelecidas na praça podem não ser sempre profundas, mas ainda assim têm significado para quem participa delas.

Por outro lado, nem todos atribuem à praça o mesmo significado. O entrevistado John Locke afirmou: “Hoje em dia eu venho aqui só pra jogar umas 2 horas e vou embora”. Para ele, a visita parece estar mais ligada ao lazer e à prática do jogo. Essa diferença demonstra que não existe uma única maneira de utilizar a praça: para alguns, ela representa companhia e acolhimento; para outros, é principalmente um lugar para jogar cartas, conversar por algum tempo e depois retornar às suas atividades.

Essa diversidade de usos se relaciona à ideia de que as praças possuem funções variadas, conforme discutido no capítulo 1. Sitte (1992, apud De Angelis et al., 2005) destaca a presença de diferentes atividades nesses espaços, que historicamente serviram para encontros, eventos e manifestações da vida coletiva. Na Praça Getúlio Vargas, as atividades relatadas são mais cotidianas, mas também mostram como os frequentadores atribuem sentidos próprios ao espaço. Portanto, a praça não precisa ter uma única função definida: seus significados são construídos pelas pessoas que a utilizam.

3.2 TEMPO DE FREQUÊNCIA E MUDANÇAS NA UTILIZAÇÃO DA PRAÇA

As entrevistas indicaram uma média de 5,4 anos de frequência à Praça Getúlio Vargas entre os participantes. Embora seja um período relativamente curto quando comparado à história da praça, ele permite observar a formação de hábitos e relações entre os frequentadores. Esse tempo também inclui o período da pandemia de Covid-19, quando as medidas de isolamento social reduziram as possibilidades de encontro e convivência.

É possível considerar que, após um período de restrições à circulação e ao contato social, espaços como a praça tenham adquirido importância para a retomada das interações presenciais. No entanto, as entrevistas não permitem afirmar que a pandemia tenha sido a única responsável pelo aumento da frequência. O que os dados permitem observar é que os participantes passaram a manter uma rotina de encontros no local e que esses encontros se tornaram parte de seu cotidiano.

Essa permanência pode ser compreendida a partir de Simmel (2006), para quem a sociabilidade acontece nas interações do dia a dia e não depende necessariamente de grandes acontecimentos. Conversas, jogos e encontros repetidos podem parecer atividades simples, mas contribuem para a continuidade dos vínculos. A praça torna-se, assim, um ponto de referência na rotina dos entrevistados, pois é nela que encontram pessoas conhecidas e realizam atividades que se repetem ao longo da semana.

3.3 ATIVIDADES REALIZADAS E FORMAS DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO

Quando questionados sobre o que fazem na praça, aproximadamente 80% dos entrevistados responderam que vão ao local principalmente para socializar, sentar-se às mesas e jogar truco ou tranca. Esses resultados mostram que a convivência e os jogos de cartas são

atividades centrais para o grupo investigado. A praça é utilizada, portanto, não apenas como local de passagem, mas como espaço de permanência, encontro e lazer.

Essa utilização está relacionada à definição de Robba e Macedo (2002, p. 17), que compreendem as praças como “espaços livres públicos urbanos destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos”. No caso estudado, a função de convivência aparece de forma bastante clara nas entrevistas, já que a maioria dos participantes procura as mesas e os grupos de jogo.

Apesar da importância dessas atividades, os relatos também mostram que a convivência nem sempre acontece de maneira tranquila ou igual para todos. O entrevistado Marx contou: “Lá no comecinho quando eu vim pra jogar, os piás ficavam ratiando e hoje só venho pra assistir e conversa mesmo”. Sua fala indica que as relações dentro dos grupos podem mudar com o tempo e que situações de conflito ou desconforto podem alterar a maneira como uma pessoa utiliza a praça. No caso dele, a participação no jogo foi substituída por outras formas de permanência, como assistir e conversar.

Outro relato, do entrevistado Platão, também chama atenção para as dificuldades de entrar em grupos já formados: “Quando eu chegava aí pra jogar, já tava todo mundo em grupo e ficava com vergonha pra entrar no jogo dos outros”. Essa fala demonstra que, embora a praça seja um espaço público, o acesso formal ao local não garante que todos se sintam igualmente incluídos nas atividades. Os grupos que se encontram com frequência desenvolvem hábitos, códigos e relações próprias, o que pode tornar mais difícil a aproximação de novos participantes.

Essa situação dialoga com a discussão de Simmel (2006) sobre as regras implícitas da sociabilidade. Para que as interações aconteçam, os participantes precisam reconhecer determinados códigos de convivência, mesmo que eles não estejam escritos. Ao mesmo tempo, esses códigos podem facilitar a relação entre pessoas que já se conhecem e criar barreiras para quem está chegando. Assim, a praça possibilita o encontro, mas as formas de apropriação de suas mesas e atividades também podem produzir limites e exclusões.

Por isso, não é suficiente afirmar que a praça é um espaço público e, portanto, aberto a todos. É importante observar como as pessoas realmente utilizam esse espaço e como se sentem dentro dele. Os relatos de Marx e Platão mostram que as relações estabelecidas na praça envolvem tanto a aproximação quanto o distanciamento, aspecto que se relaciona à discussão de Gomes (2002; 2012) sobre a convivência entre diferenças nos espaços públicos.

3.4 COMO OS ENTREVISTADOS CONHECERAM A PRAÇA E A RELAÇÃO COM A MEMÓRIA

Em relação à forma como conheceram a Praça Getúlio Vargas, 90% dos entrevistados afirmaram que chegaram ao local por indicação de amigos ou conhecidos. Esse resultado demonstra a importância das relações pessoais na aproximação de novos frequentadores. Os relatos de quem já frequentava a praça e compartilhava suas experiências contribuíram para que outras pessoas passassem a conhecer o espaço.

Apenas um relato apresentou uma trajetória diferente. O entrevistado Nietzsche contou: “O primeiro contato que tive com a praça, foi lá em 1965 quando já tinha uns 10 anos, vim com meu pai e nessa época era tudo melhor que hoje, hoje tá tudo destruída a praça”. Ao relembrar esse período, o entrevistado demonstrou emoção. Para ele, a praça está ligada à infância e às experiências vividas com o pai, o que mostra que o significado do lugar vai além das atividades realizadas atualmente.

Esse depoimento permite relacionar a praça à memória e à experiência individual. Para alguns frequentadores, ela é um espaço para jogar e conversar; para outros, também representa lembranças de diferentes momentos da vida. A praça, portanto, não tem apenas uma função no presente, pois carrega sentidos construídos ao longo do tempo. Essa relação ajuda a compreender por que determinados indivíduos continuam frequentando o local mesmo quando apontam problemas em sua estrutura.

A fala de Nietzsche também se aproxima da discussão teórica sobre a transformação das praças e de seus usos. Como apresentado no capítulo 1, esses espaços se modificam de acordo com o contexto histórico e com as práticas de seus frequentadores. As mudanças percebidas pelo entrevistado fazem parte de sua comparação entre a praça da infância e a praça atual. Seu relato é uma percepção individual e não permite, por si só, concluir que toda a estrutura tenha piorado, mas evidencia a relação afetiva construída com o lugar.

3.5 LOCAL DE RESIDÊNCIA E ESCOLHA DA PRAÇA GETÚLIO VARGAS

A localização da residência dos entrevistados também foi considerada para verificar se a distância influencia a escolha pela Praça Getúlio Vargas. O mapa apresentado no **mapa 1** mostra que os participantes residem em diferentes bairros de Ponta Grossa. A partir das estimativas consultadas no Google Maps, os deslocamentos dos bairros Boa Vista e Nova Rússia podem levar cerca de nove minutos em veículo próprio e aproximadamente 16 minutos

por transporte público. Para bairros mais distantes, como Uvaranas, o tempo de deslocamento pode ser maior.

MAPA 1 - Bairros de residência dos entrevistados em relação à distância da praça.



Fonte: GOOGLE. Google Maps. [S. l.]: Google, [s. d.]b. Disponível em: https://www.google.com/maps. Acesso em: 08 out. 2026.

Apesar dessas diferenças, as entrevistas indicam que a distância não é o principal fator considerado pelos participantes. A preferência pela Praça Getúlio Vargas parece estar mais relacionada às pessoas que a frequentam e à identificação com o grupo. O entrevistado Aristóteles afirmou: “Eu prefiro aqui mesmo, tem os mesmos parceiros e tudo nois jogamo junto”. A fala mostra que a presença de pessoas conhecidas e a possibilidade de compartilhar atividades têm peso na escolha do local.

Esse resultado se aproxima da perspectiva de Maffesoli (1996), que destaca a formação de vínculos e identificações entre pessoas que compartilham experiências. A praça passa a ser escolhida não apenas por sua localização, mas também pelas relações que se estabelecem nela. Em outras palavras, os frequentadores não procuram somente um espaço físico onde possam jogar cartas; procuram um ambiente em que já conhecem as pessoas e sabem como as atividades acontecem.

Essa constatação reforça a importância de analisar os espaços públicos a partir de seus usos cotidianos. A estrutura física é relevante, mas os vínculos construídos pelos frequentadores também ajudam a explicar a permanência no local. No caso da Praça Getúlio Vargas, a

identificação com os demais participantes parece contribuir para que os entrevistados continuem frequentando o espaço, inclusive aqueles que residem em bairros mais distantes.

3.6 INFRAESTRUTURA, SEGURANÇA E LIMITES DE UTILIZAÇÃO

Além das relações sociais, as entrevistas permitiram identificar aspectos da infraestrutura da praça que poderiam ser melhorados. Entre os problemas observados estão pichações em algumas paredes, necessidade de manutenção dos banheiros e desgaste das mesas utilizadas para os jogos, que ficam expostas às condições do tempo. Esses fatores podem afetar o conforto dos frequentadores, principalmente daqueles que passam várias horas no local.

A segurança também apareceu nas falas dos participantes. Alguns relataram que, durante a noite, ocorrem atividades ilegais e assaltos na praça. Durante as observações realizadas no período da tarde, foi percebida a presença da Guarda Civil Municipal. Segundo os entrevistados, a presença da guarda contribui para a sensação de segurança e para a permanência no espaço.

Esses aspectos podem ser relacionados à discussão apresentada no capítulo 1 sobre as condições de utilização dos espaços públicos. A possibilidade de acesso é importante, mas a manutenção, a segurança e a existência de estruturas adequadas também influenciam a maneira como as pessoas se apropriam desses locais. Quando a infraestrutura é insuficiente ou quando há receio de violência, a função de convivência da praça pode ser prejudicada.

Outra questão recorrente foi a impossibilidade de utilizar o espaço conhecido como Núcleo de Atividades Físicas para jogar em dias de chuva ou de condições climáticas desfavoráveis. Um dos entrevistados, identificado como Simmel, afirmou: “Sinceramente a praça tá boa pra mim, viu, única coisa que é ruim é que não deixam nóis jogar lá no ginásio”. Já John Locke relatou: “Às vezes até deixam a gente jogar lá, mas agora não deixam não, dizem que é por causa da gritária que a gente faz”.

As falas mostram um conflito entre a forma como os idosos utilizam o espaço e as regras estabelecidas para o uso do local. O truco, uma atividade bastante presentes entre os entrevistados, envolve gritos, provocações e expressões próprias do jogo. Para os participantes, esses comportamentos fazem parte da atividade e da interação entre os jogadores. Entretanto, eles podem ser interpretados de outra maneira por quem administra ou compartilha o espaço.

Esse caso demonstra que a sociabilidade também envolve negociações e conflitos em torno dos usos permitidos. Como discutido no capítulo 1, o espaço público não é necessariamente um ambiente sem tensões. Diferentes grupos podem ter expectativas distintas

sobre o comportamento adequado e sobre a finalidade de determinado lugar. Assim, seria importante buscar alternativas que permitam a convivência entre os usuários, sem desconsiderar as necessidades dos idosos de contar com um local protegido das condições climáticas para realizar suas atividades.

Em relação à segurança, os relatos indicam que os participantes consideram importante a presença da Guarda Civil Municipal. Não se trata apenas de uma questão de fiscalização, mas também da sensação de poder permanecer no espaço com maior tranquilidade. A infraestrutura e a segurança, portanto, fazem parte das condições que favorecem ou dificultam a sociabilidade na praça.

3.7 DESLOCAMENTO ATÉ A PRAÇA E AUTONOMIA DOS PARTICIPANTES

As entrevistas também buscaram compreender se os participantes costumam ir à praça acompanhados ou se organizam previamente a ida com outros frequentadores. Apesar de se reunirem em grupos para jogar e conversar, todos os entrevistados afirmaram que chegam à praça de forma independente, sem combinar necessariamente o deslocamento com os demais.

Alguns utilizam veículos próprios ou ciclomotores elétricos, enquanto outros optam pelo transporte público. O entrevistado Marx, por exemplo, afirmou: “Eu venho lá do parque (referente à Vila Parque Nossa Senhora das Graças) de busão mesmo, aproveito que é de graça”. A fala destaca a importância do transporte coletivo para a mobilidade dos idosos e para o acesso aos espaços de convivência.

No Brasil, a Constituição Federal de 1988 e o Estatuto da Pessoa Idosa, Lei nº 10.741/2003, estabelecem garantias relacionadas à gratuidade do transporte coletivo para pessoas idosas, observadas as condições previstas na legislação. Esse direito pode facilitar o deslocamento e ampliar as possibilidades de participação na vida urbana. No caso dos entrevistados, a utilização do ônibus permite chegar à praça mesmo quando a residência está localizada em outro bairro.

O fato de os participantes chegarem de forma independente também é relevante para a compreensão de sua autonomia. Embora a idade seja frequentemente associada a limitações e dependência, os relatos mostram que esses homens organizam seus próprios deslocamentos para participar das atividades que consideram importantes. Esse aspecto dialoga com a discussão do capítulo 1 sobre a necessidade de compreender o envelhecimento de maneira plural, sem presumir que todos os idosos possuem as mesmas condições ou experiências.

3.8 RELAÇÕES CONSTRUÍDAS NA PRAÇA E CONTINUIDADE DA SOCIABILIDADE FORA DELA

Outro objetivo das entrevistas foi identificar se as relações construídas na Praça Getúlio Vargas permanecem restritas ao local ou se também se estendem para outros momentos da vida dos participantes. As respostas mostraram que, em alguns casos, os encontros na praça contribuíram para a formação de amizades e para a realização de atividades em outros lugares.

O entrevistado Marx relatou: “Antes, na minha vida pessoal, não tinha muitos amigos não, mas depois que vim aqui na praça jogar com todo mundo, agora tenho um amigo ali ou outro”. Já Sócrates afirmou: “Depois de jogar aqui na praça, eu chamo os amigos e vamos beber lá no Carlinho”. Os depoimentos mostram que as interações iniciadas na praça podem ultrapassar os limites físicos do espaço e participar da formação de outras relações sociais.

Essa situação pode ser relacionada à ideia de sociabilidade apresentada por Simmel (2006), pois as interações cotidianas podem criar vínculos que se desenvolvem com a repetição dos encontros. Uma conversa ou um jogo pode parecer uma atividade simples, mas, com o tempo, pode contribuir para a aproximação entre as pessoas. Maffesoli (1996) também ajuda a compreender esse processo ao destacar que experiências compartilhadas podem produzir identificação e sentimento de pertencimento.

Quanto à frequência, todos os entrevistados afirmaram que costumam ir à praça de segunda a sexta-feira e permanecem, em média, cerca de quatro horas por visita, embora esse tempo possa variar. Marx e Aristóteles, por exemplo, relataram que em algumas ocasiões ficam no local depois das 17 horas. A frequência regular mostra que a praça ocupa um espaço importante na organização do cotidiano desses homens.

Também foi perguntado se os participantes haviam convidado amigos de fora do grupo para frequentar a praça. Apenas o entrevistado Lao-Tsé afirmou ter levado um conhecido para o local: “O seu Antônio tava meio desacorçoado e chamei ele pra vim jogar com nóis e conversar um pouco, né? Às vezes ajuda”. Esse relato mostra que os vínculos construídos na praça podem estimular a aproximação de outras pessoas, especialmente quando alguém percebe que um conhecido precisa de companhia.

A fala também reforça que a sociabilidade não depende apenas de uma estrutura física adequada, mas das iniciativas e relações que os próprios frequentadores desenvolvem. Mesmo diante de problemas de manutenção, a praça continua sendo um local de encontro e de construção de amizades. Isso não significa que as condições de infraestrutura sejam pouco

importantes, mas mostra que o significado do espaço também é produzido pelas experiências de quem o frequenta.

3.9 A PRAÇA NO COTIDIANO E AS EXPERIÊNCIAS DO ENVELHECIMENTO

Quando questionados sobre as mudanças percebidas em suas vidas depois que passaram a frequentar a praça, alguns participantes relataram que o local ajuda a lidar com situações difíceis do cotidiano. O entrevistado Aristóteles, por exemplo, afirmou: “Hoje minha mulher está internada com câncer, e nesse tempo que ela fica no hospital eu venho aqui na praça pra aliviar um pouco a cabeça, porque ficando em casa só piora”. Platão relatou: “Sendo sincero, em casa só fico bosta, e uma forma de sair disso é vindo aqui na praça e tendo alguém para conversar”.

O entrevistado Nietzsche também destacou a importância da praça em sua rotina: “Toda minha família me largou praticamente, e não tenho nada pra fazer lá na minha casa, então todo dia tô aqui na praça pra me sentir melhor”. Esses relatos mostram que, para alguns participantes, a praça funciona como uma alternativa à permanência em casa e como um espaço em que conseguem conversar, distrair-se e encontrar pessoas conhecidas.

É importante, porém, não generalizar essas experiências para todos os idosos nem concluir, apenas com base nas entrevistas, que todos enfrentam abandono familiar. Os relatos revelam situações diferentes: há participantes que procuram a praça por lazer, outros que buscam companhia e alguns que encontram no local uma forma de lidar com momentos de sofrimento ou preocupação. A praça assume, portanto, significados variados conforme a história e as condições de vida de cada indivíduo.

Essa diversidade está de acordo com a discussão do capítulo 1 sobre o envelhecimento como uma experiência socialmente construída. A velhice não significa necessariamente afastamento da vida social, mas as relações podem mudar com a aposentadoria, a perda de familiares, as mudanças na composição da família ou a redução de contatos que antes aconteciam no trabalho. Nesse contexto, a praça oferece uma possibilidade de manter uma rotina de encontros e de continuar participando da vida coletiva.

As entrevistas também indicam que os participantes valorizam o contato com pessoas que compartilham gostos e experiências semelhantes. Isso não significa que a praça elimine os problemas vividos por eles, mas que a convivência pode tornar o cotidiano menos solitário e oferecer momentos de descontração. A importância atribuída a esses encontros mostra que

atividades aparentemente simples, como jogar cartas e conversar, podem ter um significado relevante na vida dos frequentadores.

Alguns entrevistados afirmaram que frequentam a praça porque não têm outro lugar para ir. Essa resposta também merece atenção, pois sugere que a oferta de espaços de convivência voltados às pessoas idosas pode ser limitada, pelo menos na experiência desses participantes. A praça acaba ocupando esse lugar por ser um ambiente acessível onde eles conseguem se encontrar sem precisar participar de uma atividade formal ou pagar por ela.

Esse ponto se relaciona à discussão de Gomes (2002; 2012) sobre a importância dos espaços públicos para a convivência urbana. A praça permite que os participantes permaneçam juntos e realizem atividades cotidianas sem que seja necessário existir um vínculo anterior entre todos. Ao mesmo tempo, como mostram os relatos sobre a dificuldade de entrar em grupos já formados, a presença física no espaço não garante automaticamente a inclusão. A sociabilidade é construída nas relações e depende também da abertura dos grupos para a chegada de novas pessoas.

3.10 GÊNERO E USO DA PRAÇA

Uma observação importante durante a pesquisa foi que os grupos que permanecem nas mesas jogando truco e tranca eram formados exclusivamente por homens. Segundo as observações realizadas, as mulheres idosas ocupavam outros espaços da praça, como o centro de convivência, onde acontecem bailes e atividades de dança, incluindo danças tradicionais gaúchas.

Essa diferença na ocupação dos espaços pode ser analisada a partir da discussão sobre gênero e masculinidades apresentada no capítulo 1. Os homens e as mulheres podem construir formas distintas de convivência ao longo da vida, de acordo com suas experiências, hábitos e expectativas sociais. No caso dos entrevistados, os jogos de cartas parecem funcionar como uma prática compartilhada que organiza os encontros e fortalece a identificação entre os participantes.

A presença exclusiva de homens nas mesas não é suficiente, por si só, para afirmar que exista uma prática machista ou uma segregação intencional. Para sustentar essa interpretação, seria necessário investigar mais detalhadamente as razões pelas quais homens e mulheres utilizam diferentes áreas da praça, bem como compreender se existem barreiras à participação. Ainda assim, a diferença observada indica que os usos do espaço público podem ser marcados pelo gênero e que seria importante aprofundar essa questão em pesquisas futuras.

A discussão de Connell (2005), apresentada no capítulo teórico, contribui para pensar como determinadas práticas podem se relacionar à construção das masculinidades. No entanto, é preciso evitar tratar todos os homens idosos como um grupo homogêneo. Os relatos mostram que os participantes têm trajetórias, relações familiares e motivações diferentes, mesmo quando compartilham o interesse pelos jogos de cartas. Dessa forma, a praça permite observar tanto práticas comuns ao grupo quanto diferenças nas experiências individuais.

De maneira geral, as entrevistas mostram que a Praça Getúlio Vargas possui um papel importante na rotina dos dez homens idosos participantes da pesquisa. Os principais motivos para frequentar o local são encontrar outras pessoas, conversar, jogar cartas e sair de casa. Para alguns, a praça também está relacionada a lembranças familiares e experiências vividas ao longo da vida; para outros, representa um espaço de companhia em períodos de preocupação ou dificuldade.

Os resultados dialogam com a discussão de Simmel (2006) ao mostrar que a sociabilidade se desenvolve nas interações cotidianas, como as conversas e os jogos. Também se aproximam de Maffesoli (1996), pois os encontros frequentes contribuem para criar vínculos e identificação entre os participantes. Já a perspectiva de Gomes (2002; 2012) permite compreender a praça como um espaço público de convivência, mas também como um local em que podem surgir conflitos, barreiras à participação e disputas sobre a maneira adequada de utilizar determinados ambientes.

Ao mesmo tempo, a pesquisa identificou problemas relacionados à manutenção, à segurança e à possibilidade de utilizar espaços cobertos em dias de chuva. Esses aspectos mostram que a importância social da praça não elimina a necessidade de melhorias em sua estrutura e nas condições de uso. Também indicam que a gestão dos espaços públicos precisa considerar as necessidades dos diferentes grupos que os frequentam.

Por fim, os resultados reforçam que a praça não pode ser compreendida apenas como um espaço físico destinado ao lazer. Ela ganha significado a partir das práticas e relações que acontecem diariamente. Para os entrevistados, jogar cartas, conversar e encontrar os mesmos parceiros são atividades que organizam parte de sua rotina e contribuem para a manutenção de vínculos sociais. Embora os resultados se refiram a um grupo específico e não possam ser generalizados para todos os idosos de Ponta Grossa, eles demonstram como a Praça Getúlio Vargas participa da construção da sociabilidade e das experiências de envelhecimento desses frequentadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou compreender os significados e as práticas de sociabilidade dos homens idosos que frequentam a Praça Getúlio Vargas, no bairro Nova Rússia, em Ponta Grossa, Paraná. Ao longo das observações de campo e das entrevistas, foi possível perceber como esse espaço faz parte da vida cotidiana dos participantes e como os encontros realizados nele adquirem importância em suas trajetórias pessoais.

As mesas destinadas aos jogos de truco e tranca concentram boa parte das interações observadas. É ao redor delas que os frequentadores passam parte de suas tardes, conversam e compartilham experiências. Aqueles que não participam diretamente das partidas também encontram oportunidades de convivência ao acompanhar os jogos. A presença frequente dos mesmos parceiros contribui para a construção de vínculos e ajuda a compreender a preferência pela praça, mesmo entre os entrevistados que residem em bairros mais distantes.

As entrevistas mostraram que a praça possui significados diferentes para cada participante. Alguns a procuram principalmente para jogar e ocupar o tempo livre, enquanto outros encontram nesse ambiente companhia e acolhimento diante de perdas, preocupações e dificuldades familiares. Em alguns casos, as amizades construídas durante os encontros também passam a fazer parte de outros momentos da vida cotidiana. Dessa forma, a convivência na praça pode ampliar as relações sociais dos frequentadores e oferecer oportunidades de aproximação que eles nem sempre encontram em outros espaços.

Também foi possível perceber que a busca por companhia não está ligada somente à condição de morar sozinho. Entre os participantes que vivem com familiares, frequentar a praça representa uma oportunidade de conversar com outras pessoas e manter atividades próprias fora de casa. Esses relatos ajudam a compreender que as experiências de envelhecimento são diversas e que a presença da família não elimina a importância de outras relações de amizade e convivência.

Entretanto, os encontros também envolvem desentendimentos e dificuldades de integração. Os relatos sobre conflitos durante as partidas e sobre o receio de entrar em grupos já formados mostram que nem todos encontram a mesma facilidade para participar. Por isso, compreender a sociabilidade nesse espaço exige considerar tanto os vínculos de amizade quanto as situações que podem produzir distanciamentos entre os frequentadores.

A presença de homens nas mesas analisadas e de mulheres idosas em outras atividades da praça também chamou a atenção durante a pesquisa. Essa distribuição indica diferenças nas formas de utilização do espaço e aponta possibilidades de aprofundamento das discussões sobre

gênero e envelhecimento. As observações realizadas, porém, não permitem explicar todas as razões dessa organização, sendo necessário investigar também as experiências de outros grupos que frequentam o local.

As condições da infraestrutura constituem outro aspecto importante para a continuidade desses encontros. O desgaste das mesas, os problemas de conservação dos banheiros e a dificuldade de encontrar um ambiente coberto em dias de chuva interferem na permanência dos participantes. As demandas apresentadas nas entrevistas mostram a importância de ouvir os frequentadores e considerar suas práticas nas decisões sobre manutenção e utilização dos equipamentos da praça.

Os resultados desta pesquisa dizem respeito ao grupo entrevistado e às situações acompanhadas durante os trabalhos de campo. Ainda assim, contribuem para compreender como os espaços públicos participam das experiências de envelhecimento e da construção de relações sociais. No caso da Praça Getúlio Vargas, os homens idosos atribuem sentidos ao lugar por meio de seus encontros, lembranças e formas de convivência. Reconhecer essa relação contribui para uma compreensão geográfica da praça que considere as pessoas que a utilizam e as experiências que dão significado à sua presença cotidiana nesse espaço.

REFERÊNCIAS

BANCA DA NOVA RÚSSIA – PG. **[Fachada da Banca Nova Rússia, em Ponta Grossa]**. Ponta Grossa, [2022]. 1 fotografia. Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=465478045580220&set=pb.100063540850386.-2207520000 Acesso em 2 set. 2026

BAZO, María Teresa. Aportaciones de las personas mayores a la sociedad: análisis sociológico. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas**, Madrid, n. 73, p. 209-222, 1996. DOI: 10.5477/cis/reis.73.209. Disponível em: https://reis.cis.es/index.php/reis/article/view/1501. Acesso em: 12 set. 2026.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 5 out. 2026.

BRASIL. **Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Texto atualizado. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm. Acesso em: 5 out. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde. **CEMOPE**: Centro Municipal de Ostomia e Programas Especiais: CNES 7125860. Brasília, DF: Ministério da Saúde, [s. d.]. Disponível em: https://cnes2.datasus.gov.br/Mod_Basico.asp?VCo_Unidade=4119907125860. Acesso em: 21 out. 2026.

BRITTO DA MOTTA, Alda. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 13, p. 191-221, 1999. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635327. Acesso em: 15 out. 2026.

BRITTO DA MOTTA, Alda. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. **Sociedade e Estado**, Brasília, DF, v. 25, n. 2, p. 225-250, maio/ago. 2010. DOI: 10.1590/S0102-69922010000200005. Disponível em: https://www.scielo.br/j/se/a/hfzk9pNbRc69T3JRqbGsVjn/. Acesso em: 15 out. 2026.

CBN PONTA GROSSA. **Frio**: pessoas em situação de rua podem dormir no ginásio Zukão em Ponta Grossa. Ponta Grossa, 30 jun. 2021. Disponível em: https://www.cbnpg.com.br/post/frio-pessoas-em-situa%C3%A7%C3%A3o-de-rua-podem-dormir-no-gin%C3%A1sio-zuk%C3%A3o-em-ponta-grossa. Acesso em: 13 set. 2026.

CHAM, Adriana Aparecida de Andrade; SOUZA, Edson Belo Clemente de. Segregação socioespacial: a localização geográfica das praças no espaço urbano de Ponta Grossa-Paraná. In: MAGNONI JÚNIOR, Lourenço et al. (org.). **Do local ao global**: mudanças climáticas e gestão de risco de desastres. São Paulo: Centro Paula Souza, 2025. p. 784-811. Disponível em: https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/DLAG2025/DLAG_1ed-2025-20.pdf. Acesso em: 13 set. 2026.

CONNELL, R. W. **Masculinities**. 2. ed. Berkeley: University of California Press, 2005.

DE ANGELIS, Bruno Luiz Domingos; DE ANGELIS NETO, Generoso; BARROS, Gabriela De Angelis; BARROS, Rafaela De Angelis. **Praças**: história, usos e funções. Maringá: EDUEM, 2005. 47 p. (Fundamentum, 15). Disponível em: https://livraria.eduem.uem.br/wp-content/uploads/woocommerce_uploads/2025/02/Colecao-Fundamentum-015-Pracas.-Historia-usos-e-funcoes-onikws.pdf. Acesso em: 15 out. 2026.

DEBERT, Guita Grin. Gênero e envelhecimento. **Revista Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 33-51, 1994. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16288. Acesso em: 15 out. 2026.

DEBERT, Guita Grin; BRIGEIRO, Mauro. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 27, n. 80, p. 37-54, out. 2012. DOI: 10.1590/S0102-69092012000300003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/4ZCPxm3dySBsmm79BJFmmfR/. Acesso em: 15 out. 2026.

FELIX DE SOUZA, Andre. Sociabilidade pública: interação social e espaços públicos. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, v. 26, n. 1, e188940, 2022. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2022.188940. Disponível em: https://revistas.usp.br/geousp/article/view/188940. Acesso em: 15 out. 2026.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **A condição urbana**: ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Espaços públicos: um modo de ser do espaço, um modo de ser no espaço. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Olhares geográficos**: modos de ver e viver o espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 19-41.

GOOGLE. **Google Earth**. [S. l.]: Google, [s. d.]a. Disponível em: https://earth.google.com/web/. Acesso em: 08 out. 2026.

GOOGLE. **Google Maps**. [S. l.]: Google, [s. d.]b. Disponível em: https://www.google.com/maps. Acesso em: 08 out. 2026.

HOFFMANN, Stefan-Ludwig. **The politics of sociability**: freemasonry and German civil society, 1840-1918. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022**: identificação étnico-racial da população, por sexo e idade: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2023a. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/3105/cd_2022_etnico_racial.pdf. Acesso em: 08 out. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022**: população por idade e sexo: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2023b. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102038.pdf. Acesso em: 09 out. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022**: educação: resultados preliminares da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102161.pdf. Acesso em: 10 out. 2026

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Tabela 9606**: população residente, por cor ou raça, segundo o sexo e a idade. Rio de Janeiro: IBGE, [s. d.]. Disponível em: https://sidra.ibge.gov.br/tabela/9606. Acesso em: 12 out. 2026.

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1993.

MAFFESOLI, Michel. **Le temps des tribus**: le déclin de l'individualisme dans les sociétés de masse. Paris: Méridiens Klincksieck, 1988.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MAIA, Rousiley C. M. Sociabilidade: apenas um conceito? **Geraes**: Revista de Comunicação Social, Belo Horizonte, n. 53, p. 4-15, 2001. Disponível em: https://www.academia.edu/9610073/Sociabilidade_apenas_um_conceito. Acesso em: 15 out. 2026.

MEMORIAL DA EXISTÊNCIA. **Praça dos Bichos**. [S. l.]: Memorial da Existência, [s. d.]. Disponível em: https://www.memorialdaexistencia.com.br/praca-dos-bichos. Acesso em: 15 out. 2026.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. Velhice: teorias, conceitos e preconceitos. **A Terceira Idade**, São Paulo, v. 13, n. 25, p. 36-51, ago. 2002. Disponível em: https://portal.sescsp.org.br/files/edicao_revista/fe13d87d-407b-440b-a5f6-3ea9e3a6609c.pdf. Acesso em: 15 out. 2026.

PONTA GROSSA (PR). **Decreto nº 20.028, de 9 de março de 2022**. Estabelece o CEMOPE – Centro Municipal de Ostomia e Programas Especiais. Ponta Grossa: Prefeitura Municipal, 2022. Disponível em: https://leis.org/municipais/pr/ponta-grossa/lei/decreto/2022/20028/decreto-n-20028-2022-estabelece-o-cemope-centro-municipal-de-ostomia-e-programas. Acesso em: 19 out. 2026.

PONTA GROSSA HISTÓRICA. **Praça Getúlio Vargas – década de 1960**. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: https://www.pontagrossahistorica.com.br/publicacoes/746/praca-getulio-vargas-decada-de-1960. Acesso em: 11 out. 2026.

ROBBA, Fábio; MACEDO, Silvio Soares. **Praças brasileiras**. São Paulo: EDUSP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

RPC. **Conheça a história da praça do Nova Rússia, em Ponta Grossa, que já abrigou zoológico**. Meio Dia Paraná – Ponta Grossa, 27 abr. 2023. 1 vídeo (7 min). Disponível em: https://globoplay.globo.com/v/11571217/. Acesso em: 29 ago. 2026.

SILVA, Janaína Carvalho da. Velhos ou idosos? **A Terceira Idade**, São Paulo, v. 14, n. 26, p. 94-111, jan. 2003. Disponível em: https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/8339_VELHOS%2BOU%2BIDOSOS. Acesso em: 2 set. 2026.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). **Mana**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 577-591, out. 2005. DOI: 10.1590/S0104-93132005000200010. Disponível em: https://www.scielo.br/j/mana/a/WfkbJzPmYNdfNWxpyKpcwWj/. Acesso em: 03 ago. 2026.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO AOS FREQUENTADORES DA PRAÇA GETÚLIO VARGAS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS

ACADÊMICO: GABRIEL DUCHEIKO

Roteiro de Entrevista:
Nome fantasia:
Idade:
Gênero:
Escolaridade:
Profissão:
Renda:
Religião:
Situação Familiar:
Etnia:

1. Qual a razão de vir a essa praça?

2. Há quanto tempo vem a praça?

3. O que você faz quando vem até a praça? Você faz outra coisas?

4. Como conheceu essa praça?

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA (CONTINUAÇÃO)

5. Porque essa praça e não outras praças?

6. O que você acha bom nessa praça, o que acha ruim e o que acha que poderia melhorar aqui?

7. Você vem acompanhado a praça ou vem sozinho?

8. Já formou laços de amizade com pessoas aqui da praça? Se sim, essa amizade perpassa a praça?

9. Com qual frequência você vem a praça? E quanto tempo permanece na praça?

10. Você já trouxe outros amigos para a praça? Eles passaram a frequentar também?

11. Sua vida cotidiana em termos de sociabilidade melhorou ou piorou após começar a frequentar a
praça?

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).